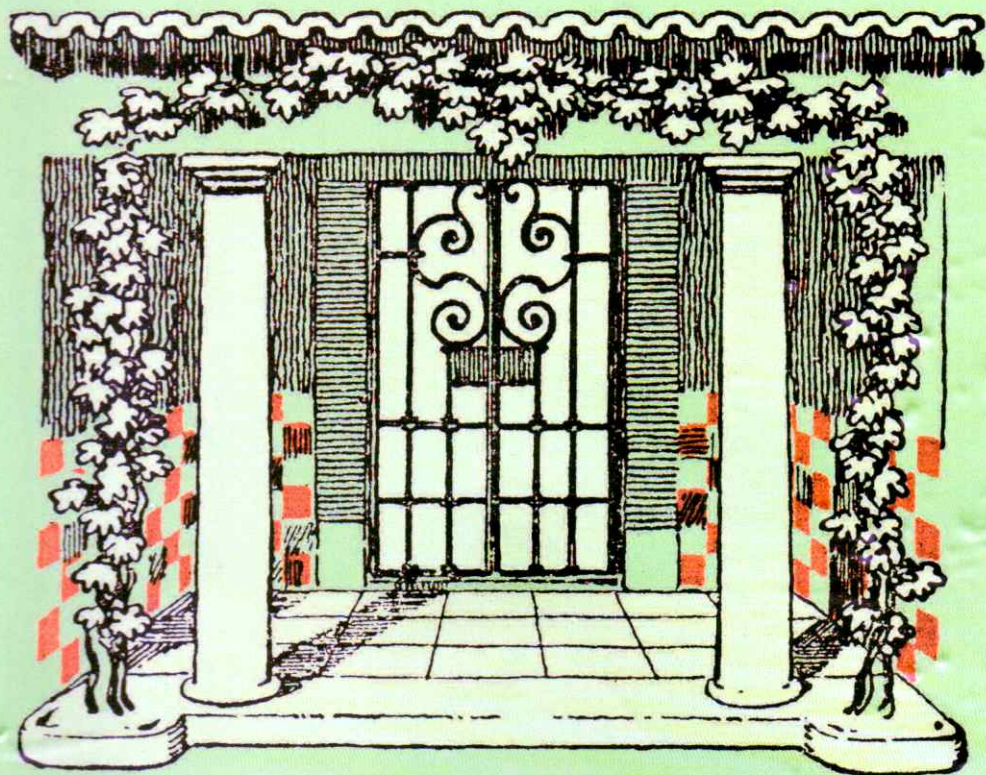


RAUL LINO

A NOSSA CASA

**APONTAMENTOS SOBRE O
BOM GOSTO NA CONSTRU-
ÇÃO DAS CASAS SIMPLES**



RAUL LINO



A NOSSA CASA

**APONTAMENTOS SOBRE O
BOM GOSTO NA CONSTRU-
ÇÃO DAS CASAS SIMPLES**



colares editora

RAUL LINO



A NOSSA CASA

**APONTAMENTOS SOBRE O
BOM GOSTO NA CONSTRU-
ÇÃO DAS CASAS SIMPLES**



NOTA

Na evocação do centenário da Casa do Cipreste e decorridos quarenta anos da morte do Arquitecto Raul Lino, recuperou-se em Sintra a memória e o património da sua obra através de quatro Colóquios, organizados pelo Prof. Rodrigo Sobral Cunha, que decorreram segundo o ciclo das estações.

*A Colares Editora associou-se a esta iniciativa através da publicação de **Sintra**, uma compilação de textos de Raul Lino sobre a natureza e a paisagem desta vila, classificada pela Unesco como Património da Humanidade, bem como **Os Paços Reais da Vila de Sintra** (reedição do original, 1948), obra segundo a qual se recuperou a actual estrutura do Palácio da Vila, com prefácio da Arq. Ana Tostões e posfácio do Prof. Rodrigo Sobral Cunha.*

*Data de 1918 a 1.^a edição dessa mão cheia de sugestões e sensatas recomendações que recebeu o título de **A Nossa Casa** e o subtítulo de **Apontamentos Sobre o Bom Gosto na Construção das Casas Simples**, que não deve confundir-se com a posterior obra Casas Portuguesas, publicada dez anos mais tarde.*

*A Colares Editora, no mesmo âmbito celebrativo, reedita agora este **A Nossa Casa**. Não se estranhará que este exercício de propor acertos entre o habitar e o conceber da casa mantenha vitalidade, desde que transposto para contextos actuais de cultura, condições de vida e até de vocabulário. Isso justifica a presente reedição que mantém toda a frescura da expressão escrita do seu autor e explica muito do que veio a ser a sua obra.*

A Editora

24-12-2014

PREFÁCIO

Um dizer vulgar chama à casa “a cova dos vivos”. Num povo que venera supersticiosamente os seus mortos, quer isso dizer que nenhum trabalho ou sacrifício pouparemos para que haja no lar – “Minha casa e meu lar cem, soldos val, e estimou-se mal, porque mais val.” – todo o imprescindível às exigências da vida: o alimento, o vestuário, o repouso, a limpeza, a porta que nos isole, – “Em sua casa, cada qual é rei.” – a janela que nos dá o ar e a luz, e algumas dessas flores que, sobre as tumbas queridas, nunca faltam a perfumar a morte.

Cova sagrada, ninho harmonioso ou recatado santuário, a toca, o cantinho, o buraco, a choupana, neste pequeno livro claro e útilimo prega, a respeito do melhor arranjo da “nossa casa” – esse outro nós – um dos mais autorizados e convictos ministros do seu culto, o arquitecto Raul Lino, provado mestre na arte hospitaleira de bem morar.

Que não bradou no deserto, indica-o o facto, lisongeiro para o autor e mais lisongeiro ainda para o público, de, em poucos meses, se haverem vendido duas edições desta obra recomendável, ou sejam dois mil e quinhentos exemplares: duas mil sementes, pelo menos, que iremos, com agrado, vendo florir aqui na disposição duma sala, ali no colorido

duma parede, além na escolha dum móvel. Passo apreciável na cruzada de embelezamento tentada por alguns altos espíritos da nossa época, e que é cedo ainda para resumir, mas a que o futuro, colhendo-lhe os proveitos, há-de prestar justiça.

Do carinho e excelente critério que presidiram à orientação vulgarizadora deste despretencioso breviário de "estética da habitação", falam, melhor do que alheios elogios, certas expressões nele empregadas: "o conforto espiritual dum ninho construído com beleza", "o belo proporcionar" ou "a graça da proporção", "os elementos picturais da paisagem", a lição da Natureza, e a contínua invocação do prazer do delineador ou do executante como indício do valor artístico das obras e das coisas a preferir.

Educado na sólida Inglaterra e na adaptadora Alemanha, Raul Lino teve entre os seus professores um fervoroso entusiasta do nosso passado arquitectónico, Alberto Haupt, tão embuído da sua lusofilia, agora certamente atenuada, que, quando, antes da República, o discípulo português lhe foi apresentar a esposa, o hanoveriano os recebeu, para jantar, de smoking e gravata azul e branca.

Foi proveitoso ao artista esse período estrangeiro, de que ainda hoje conserva a férrea disciplina laboriosa. O lá-fora é, quase sempre, uma boa escola de nacionalismo. Muitas vezes, é longe de Portugal que melhor se aprende a ser português, sobretudo no atinente às qualidades admiráveis da raça. Certos defeitos respiram-se depois, cá dentro, com o ar pátrio.

Procurada nos estreitos limites do país, a visão portuguesa apresenta o perigo de resvalar para dois campos arriscados: o regionalismo, fecundo, mas demasiado restrito em terra tão exígua; o arcaísmo, valioso como subsidiário, mas facilmente estéril.

Pedindo, roubando até em assíduas caminhadas, ao antigo e ao local segredos e conselhos, o arquitecto lisboeta, no fundo um bom português sonhador e emotivo, ama o torrão e estima a tradição, mas não como escravo submisso ou platónico fanático. A germânica aprendizagem fez dele um orquestrador. Raul Lino é um notável combinador de motivos, um sinfonista ansioso de novos ritmos arquitecturais, unido a um decorador no grande e no pequeno sentido da palavra, buscando em tudo a beleza, sabendo os valores da paisagem que a casa a construir tem de completar, zelando o aspecto do mínimo pormenor, quer externo, quer interior, das suas construções, e podendo, com idêntica originalidade e o mesmo indesmentido bom gosto, desenhar o dintel duma entrada, a mesa duma sala, o pano para a cobrir, a capa do livro que a adorna, a espátula que o abriu, o vestido da leitora, a almofada em que se recosta e o anel que tem na mão.

Um artista que marca no seu tempo, e que, não contente com instalar optimamente os seus clientes, veio ensinar aos outros a maneira de morar menos feiamente.

Este breve catecismo do morador foi, originariamente, planeado a meu pedido. Por isso, decerto, o seu louvável editor, Pedro Bordallo Pinheiro, presumiu que me seria grato dar em público o meu abraço de amizade e aplauso ao autor. Não se enganou.

Manoel de Sousa Pinto

Prefácio para a Terceira Edição

É pelo culto da arte que a religião da nacionalidade se exterioriza e se exerce.

.....

É pela arte que o génio de cada raça se patenteia, que a autonomia nacional de cada povo se revela na sua autonomia mental, e se afirma, não só pela sua especial compreensão da natureza, da vida e do universo, mas pelo trabalho colectivo da comunidade, na literatura, na arquitectura, na música, na pintura, na indústria e no comércio.

RAMALHO ORTIGÃO

O Culto da Arte em Portugal.

ADVERTÊNCIA

Ouvimos frequentemente citar a frase “gostos não se discutem” a pessoas que não se lembram de que o sentimento estético também é susceptível de ser educado ou apurado.

Parece-nos característica no nosso feitio uma geral indiferença pelas manifestações das artes plásticas – mais do que todas, pela arquitectura, – e estamos habituados a encontrar pessoas ilustradas capazes de se arrepiarem pela falta duma sílaba num verso, ou por uma ligeiríssima desafinação musical, mas que se conservam insensíveis à beleza nas obras plásticas da arte – pintores às vezes, ou escultores a quem não repugna a circunstância de morarem em casas banalíssimas e hediondas...

No entanto parece haver-se despertado um certo e crescente interesse pela estética da habitação e julgamos azado o momento para arriscar a publicação deste livro.

Destinado a princípio a fazer parte duma colecção intitulada “Livros do Povo”, em breve nos convencemos da inutilidade da sua inclusão naquelas edições. O povo em Portugal ou não lê, ou conhece apenas uma parte da imprensa diária, pouco propensa a questões de cultura espiritual. Hão-de passar muitos anos – gerações talvez – antes que o

povo possa começar a interessar-se pela sua habitação, preferindo as casas bonitas e bem situadas, visitando exposições de mobília barata, adquirindo propriedade por transações a longo prazo. Entretanto pode e ha-de educar-se o seu gosto pela exibição das obras acertadas dos que já alguma coisa lêem e pensam.

A estes nos dirigimos aqui; àqueles que sentem a necessidade de possuir uma casita feita com propriedade, aos que se enternecem pelo conforto espiritual dum ninho construído com beleza. Escrevendo para estes, trabalhamos também pela educação do povo em quem é tão arraigado o espírito de imitação; e se é certo que o exemplo vem de cima, veremos então depois de algum tempo que, satisfeitas as exigências de pão, ainda ficará o reconhecimento de que alguma coisa há na beleza a que todos também têm direito.

Este livro não é nem poderia ser um formulário para a criação de belas casas. Visamos aqui simplesmente a indicar a forma por que se deve apreciar o valor estético duma habitação, procurando despertar interesse pelos seus vários aspectos.

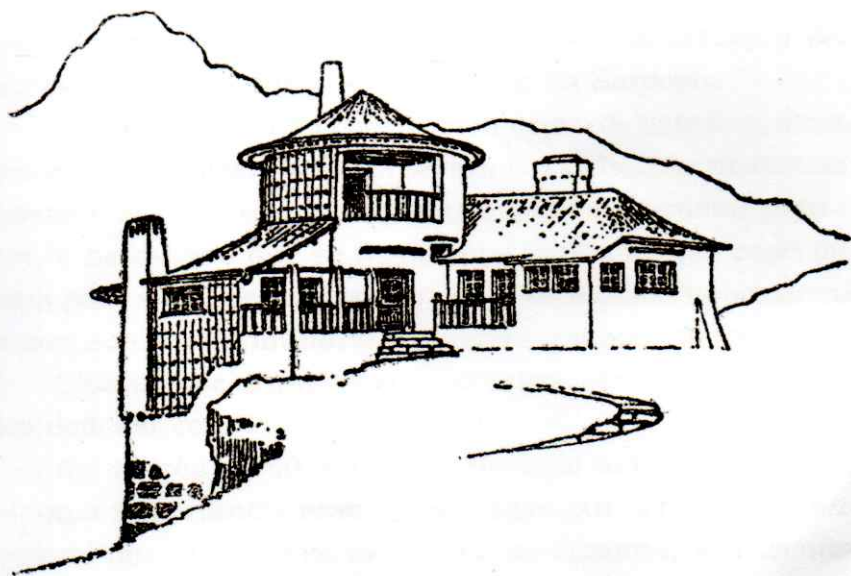
A um cego de nascença – mas bom músico – que perguntara como seria a cor vermelha, alguém respondeu que era como uma fanfarra em tom de lá maior. – Não será tão desesperador o problema, que nos impomos, de fornecer explicações positivas acerca duma questão de sentimento, mas é sempre ingrata a análise descritiva em pontos de arte.

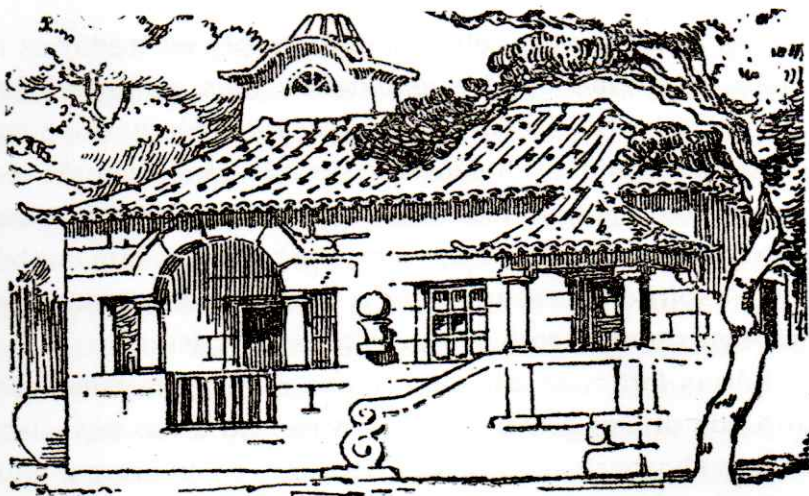
A quem, porém, no seu desinteresse julgar que enfunamos o assunto do nosso trabalho com o fraseado inútil na descrição de subtilezas que só existem na fantasia, lembraremos que dificuldade não haveria também na descrição exacta de qualquer coisa muito real, muito positiva, como seja – por exemplo – a diferença pronunciada que existe

entre dois perfumes inconfundíveis, ou entre os timbres de vários instrumentos, ou ainda entre as diferentes vozes de pessoas nossas conhecidas!

Na presente reedição destes apontamentos, pareceu-nos útil juntar agora alguns exemplos de casas de habitação projectadas para certas pessoas e em determinadas circunstâncias. Esperamos por meio destes exemplos melhor poder sugerir a quem nos ler o que nalgumas páginas do texto tentámos expor. É certo que as reproduções de que podemos dispor neste volume não abrangem a ilustração de todos os pontos nele tratados, nem seria isso o que nós aqui pretendemos, senão muito simplesmente – como já dissémos – despertar algum interesse espiritual pelo problema da nossa habitação em terra portuguesa.

R. L.





Diz-se vulgarmente de *bom gosto* a sujeição instintiva a certas leis indefiníveis pelas quais os artistas se regem para a criação de qualquer obra da sua especialidade.

Não há regras nem tabelas pelas quais se possa distinguir infalivelmente entre o que é belo e o que é feio. Se as houvesse, a arte deixaria em breve de exercer o seu eterno encanto, sendo livre como é, para cair em estéreis formalismos.

O bom gosto adquire-se por um estudo dedicado, isto é, pelo amor admirativo da Natureza e pela observação das obras de artistas, inspiradas também na Natureza.

A arte, porém, não consiste em copiar a Natureza, é antes o pressentimento das suas leis e a aplicação destas em novas criações. Nem toda a gente pode ser artista; para o ser, é necessário que se tenha uma predisposição especial; mas para se chegar a produzir obras de alguma importância é preciso estudar muito, trabalhando sempre com prazer.

Chamam-se architectos os artistas que se especializam em delinear construções.

Até acerca de 50 anos, em Portugal todas as obras de alguma importância eram projectadas por architectos, enquanto que obras mais modestas, ou rústicas, se executa-

vam por gente prática, obedecendo sempre às tradições regionais. Deste modo todas as cidades, vilas e aldeias ofereciam um aspecto agradável e interessante pela harmonia do seu conjunto, sem exclusão da variedade. Mas de então para cá, a pouco e pouco, toda a gente que tinha dinheiro suficiente para fazer uma casa, entrou de presumir que também teria o espírito necessário para a fazer com arte, ainda que carecesse da mais rudimentar educação artística.

Várias foram as causas – umas de origem psicológica, outras de ordem social – que provocaram a tão desastrosa queda no barbarismo de construções que deslustram a maioria das localidades portuguesas e que amplamente atestam a corrupção absoluta do gosto nacional. Uma grande parte, porém, da responsabilidade neste desastre, cabe à introdução de certas publicações francesas que tiveram grande voga em Lisboa, servindo para divulgar entre nós os tipos de construções completamente inadequados ao nosso país e que hoje enxameiam não só as cidades mas, o que é ainda pior, infestam também, juntamente com as pontes metálicas das vias férreas, todas as nossas lindas paisagens.

Seja dito de passagem que o bom gosto não condena estas pontes por simples bucolismo, por amor exagerado do passado ou por horror ao progresso; há mesmo maneira de executar estas grandes construções, pelo emprego de cimento armado (que é um material moderníssimo), obtendo-se resultados perfeitamente satisfatórios sob todos os pontos de vista⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Felizmente que este material está destinado a substituir, num futuro mais ou menos próximo, o emprego exclusivo do ferro nos viadutos. Não é que tenhamos ideias optimistas acerca da regeneração do gosto nacional; fiamo-nos antes nas superiores vantagens materiais dos trabalhos de cimento armado, cujas despesas de conservação se podem considerar nulas, ao contrário do que sucede com toda a obra de ferro.

A razão porque à vista nos deve ser preferível uma robusta ponte de cimento armado a uma outra toda de ferro industrial, não se pode explicar a fundo em duas palavras; mas esperamos que o leitor a possa inferir da leitura das páginas que se seguem, compreendendo como deve ser anti-artística uma obra em cujo frágil aspecto se descobre apenas um esqueleto sem fisionomia orgânica, que patenteia uma função estritamente utilitária, sem sombra de sentimento, e que sujeita a sua forma estrutural a certas unidades inflexíveis de dimensão que proíbem o belo proporcionar sem o quê não pode existir verdadeira arquitectura.

Não é porém da construção de pontes que vamos tratar, mas de casas baratas para habitação.

Há muitas pessoas que se dipõem a fazer uma casa para habitar, mas que não querem ou não podem contar com o auxílio dum architecto. Bom seria que essas pessoas, antes de começarem a planear qualquer coisa assim pensassem por uns momentos no que vão fazer.

É frequente encontrarem-se pessoas que são muito mais exigentes, por exemplo, na escolha dum fato para vestir do que na disposição da planta duma casa que mandam fazer para habitar. No entanto a nossa habitação é a moldura em que se enquadra uma boa parte da nossa vida espiritual e o melhor da nossa vida familiar. Ela não é só abrigo do corpo contra as intempéries que o fustigam, é também refúgio para o espírito após a luta diária que o assola. Se se goza de boa saúde, a casa é capaz de reflectir e aumentar o nosso bem-estar; na doença é ainda o seu consolo que melhor secunda os desvelos e carinhos das pessoas amigas. À casa habitada durante a primeira infância se guarda uma ternura que jamais se apaga; mas quando a última velhice se acerca, é ainda à nossa querida casa que de preferência nos acolhemos quase com aquele instinto

com que certos animais se recolhem às suas tocas para aí se despedirem da vida.

Quando construímos uma casa de novo, para que nos seja tão querida logo desde os primeiros meses em que a habitamos é preciso que pela sua disposição ela corresponda perfeitamente à nossa maneira de viver. Mas isto não basta; como todas as outras manifestações da vida civilizada, não a devemos planear e executar sem uma observância inteligente de certas normas que são justamente condição de pessoas que se prezam.

Na construção de casas há também boas maneiras, má educação ou feitiço grosseiro, há gestos inteligentes e sinais de insensatez tais, que se observam em todos os actos da vida.

É destes dois pontos mais importantes que a seguir vamos tratar: da melhor disposição da casa para conveniência dos seus moradores e do modo decoroso por que esta deve ser realizada – se não para maior satisfação do seu dono, pelo menos por respeito à sociedade em que vivemos.

Na parte prática, guiar-nos-emos pelo bom senso para tudo o que afirmarmos; na parte artística porém, como não se podem estabelecer regras, limitar-nos-emos quase exclusivamente a exemplificar o que com certeza é errado.

Nunca se comece por pensar no aspecto exterior duma casa (a não ser dum modo muito vago) antes de ser bem estudada a sua planta. O carácter essencial das fachadas duma casa reside nas suas proporções gerais, e estas só podem ser determinadas depois de haver uma planta definitiva.

Não se deve porém fazer a planta sem estar escolhido o terreno. Há muitas coisas a que atender que dependem da situação dum terreno e que influem poderosamente na disposição duma casa. Além dos gostos especiais e do modo de

viver do proprietário, há a questão muito importante da orientação, que é preciso considerar desde o princípio.

O sol, por exemplo, é indispensável para a boa higiene duma habitação e muito contribui para que nela haja alegria; é preciso em geral que ele dê nas principais partes duma casa, sobretudo naquelas em que durante mais tempo se permanece.

O vento predominante também é um elemento que não se pode desprezar; torna-se muitas vezes numa fonte de aborrecimento se o architecto não se soube precaver contra os seus efeitos. Em geral as nortadas no nosso país são duma insistência agressiva que destempera os mais bem humorados; há porém casos, nas regiões muito quentes, em que a sua carícia é às vezes bem vinda.

Tudo se deve pesar bem, atendendo a que as condições climatéricas mudam de região para região e as circunstâncias locais são sempre diferentes. Há casas (quase sempre no campo) que só se habitam de verão, outras que só servem de inverno; o que nas primeiras é uma boa qualidade, pode nas segundas ser às vezes um grave defeito.

Enfim há ainda a questão do ponto de vista, principalmente nas casas de campo, quando convém que de certas janelas se disfrutem trechos de paisagem.

Todos estes elementos, além das considerações de ordem estética, entram mais ou menos em jogo na solução de uma planta, mas nunca se deve esquecer a questão propriamente técnica, procurando-se sempre a maneira mais prática e económica de dispor as diferentes partes da construção de modo que a área seja bem aproveitada, sem complicações desnecessárias que agravem a importância orçamental.

Quando se faz uma casa toda de novo, prefere-se em geral dar à sua planta uma disposição bem clara em que a

parte destinada ao serviço fique numa situação relativamente independente e não em contacto muito directo com as divisões ocupadas pelos donos casa. Um grande defeito de muitas casas delineadas por amadores é aquela disposição

dum corredor comprido, servindo instinctamente casas de todas as categorias por portas absolutamente iguais.

Uma coisa que se não deve fazer é sacrificar a comodidade e higiene dos moradores a certas convenções mal fundamentadas.

Assim, por exemplo, há nas casas relativamente modestas as chamadas *salas de visitas* que, servindo raras vezes, ocupam quase sempre os melhores pontos da propriedade, enquanto a família se habitua a sofrer os inconvenientes duma *casa de estar* acanhada ou mal orientada.

Parece que a melhor divisão numa habitação devia ser a casa de estar. Aí se reúne a família e se recebem os amigos a qualquer hora do dia.

Em geral os portugueses gostam de possuir uma sala de jantar muito grande. Se por um lado este costume lembra a tradicional hospitalidade portuguesa, por outro lado coaduna-se indiscretamente com a proverbial gulosice nacional.

É de supor que em breve, entre nós, a casa de estar se torne em centro de habitação, passando a sala da mesa a perder a sua exagerada, importância. Note-se que em Inglaterra, país em que o conforto caseiro atingiu a sua maior elevação, se encontram muitas casas económicas (mas de exe-



cução esmerada) onde as refeições se servem não em uma sala independente mas num simples recesso aberto para a casa de estar. É que os seus moradores entendem que ter uma sala especial para tomar as refeições entra já na categoria de luxo.

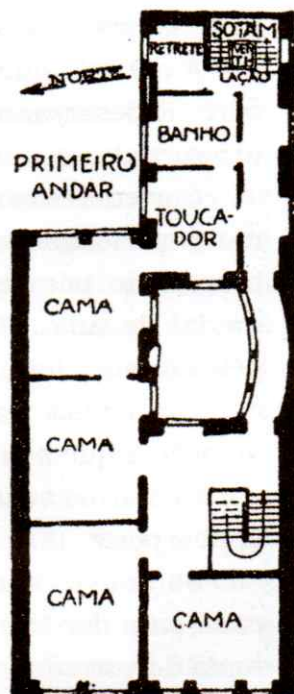
A quem não fizer vida de hotel na sua própria casa, mas que saiba aí mesmo recrear-se com ocupações espirituais, é sem dúvida a casa de estar – a casa dos longos serões e das alegres manhãs domingueiras – aquela cuja disposição maiores cuidados lhe merecerá.

É incrível que em muitas habitações, a par duma sala de visitas inóspita e duma sala de mesa solene e pomposa, subsista ainda o costume das senhoras se conservarem durante a maior parte do dia na chamada casa de costura – uma divisão acanhada e desguarnecida, destituída de todo o interesse. Em compensação existem também aqueles conhecidos escritórios providos duma secretária de estado, à qual raras vezes alguém se senta e onde quase sempre descansa um tinteiro de parada impoluto.

Planeie-se a habitação em boa conformidade com a vida dos moradores; defina-se bem o destino de cada uma das suas divisões e suprimam-se as casas inúteis.

Não haja o menor pejo em pôr exclusiva mente casas secundárias do lado da rua, se outras e mais importantes condições locais a isso aconselharem.

Para o efeito da planta, frentes principais são em geral aquelas em que dá sol, quer sejam voltadas para a rua pú-



blica quer para um jardim traseiro. Assim devemos colocar, por exemplo, os quartos de cama indiferentemente dum lado ou outro, contanto que se usufruam os benefícios do sol, e nada nos impede de pôr uma cozinha e os seus anexos do lado da rua se adoptarmos as traseiras, por mais soalheiras, para as casas principais.

A entrada que seja, em todos casos, de aspecto prazenteiro. É desagradável quando se entra numa habitação por um corredor estreito.

Corredores estreitos são sempre feios, principalmente se muito prolongados, e quem gosta de ter reuniões deve lembrar-se do péssimo efeito de quando os convidados, para mudar de sala, se enfiam a um e um como que encanados pelo corredor fora.

Por causa do nosso clima desabrido é preciso dar atenção a que a entrada do exterior fique bastante abrigada para evitar os vendavais dentro da casa de cada vez que se abre a porta.

Se houver mais de um andar pode-se aproveitar a escada para dar interesse à entrada ou para quebrar a monotonia do corredor.

Como já dissemos deve procurar-se tornar as casas destinadas ao serviço quanto possível independentes, das partes mais ocupadas pelos patrões; mas todas as divisões secundárias devem ficar nos seus lugares apropriados em devida relação umas com as outras e em caso algum se desculpa uma casa sem janela, mesmo que seja apenas para arrecadação.

O leitor certamente perguntará a que vem tanta preocupação com a planta da casa a propósito do bom gosto no seu aspecto. É que o mais agradável que pode haver numa casa é o adivinhar-se pelo exterior e o perceber-se pelo interior que ela foi feita à medida das ideias sensatas do seu dono,

para melhor satisfação nos seus deveres e para maior alegria nos seus ócios.

O que é preciso é haver a graça da proporção – e não se julgue que uma construção viciada se embeleza apenas com a aplicação de quaisquer ornatos.

Passaremos agora a tratar do aspecto exterior, voltando depois mais pormenorizadamente ao interior.

Nunca se pergunte em que estilo se vai construir⁽¹⁾. É lógico que se construa no estilo da região. É natural que se respeitem tradições locais, que adoptemos processos de mão-de-obra experimentados, que nos sirvamos dos materiais circunjacentes. Assim se fez sempre noutras épocas, assim se faz hoje em outros países onde as aldeias e as vilas conservam (melhor do que as cidades) todo o seu carácter regional. E faz-se isto sem esforço – só porque é lógico que assim se proceda.

A architectura tem sobre todas as outras artes mais livres, a grande vantagem de nunca poder ficar divorciada da lógica. Esta é a razão porque o *futurismo* faliu quando chegou à architectura. Em pintura faz-se o que se quer, pinta-se... o diabo, e há sempre crentes que aplaudem as últimas tendências; na escultura – a mesma coisa; em música pode o artista executar trechos de trás para diante a pretexto de conquistar a gratidão dum público distinto com as novas sensações que lhe proporciona, e tudo corre a contento de todos; mas vão lá fazer uma habitação com o telhado para baixo e os pegões para o ar!... Ninguém se convence de que é bom morar numa casa assim!

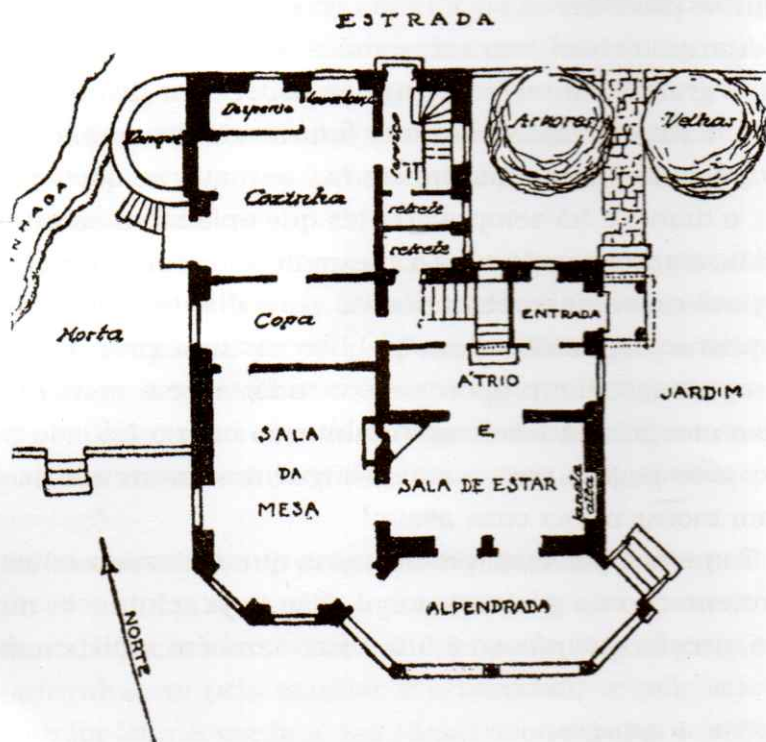
Tomemos por exemplo as casas que se faziam antes da desorientação do gosto nacional. Não haja relutância numa retrospecção que não só é útil, como também indispensável.

⁽¹⁾ Ver o Apêndice.

A evolução do estilo vai-se fazendo insensivelmente sem perda de carácter nacional, enquanto nos conservarmos fiéis ao encanto produzido por essas boas casas portuguesas de há meio século atrás.

Não pensando já nos lindos exemplares cujo modo de construir é limitado a certas regiões, quem não conhece na generalidade essas encantadoras casas antigas que ainda se mantêm até dentro das portas das nossas primeiras cidades?

Como não haja quem sinta o que elas têm de comum e adequado ao país em que vivemos! Essas casitas sorridentes, sempre alegres na sua variada caiação; casas dum branco radiante como o da roupa corada ao sol, outras da cor de rosa com os beirais verdes, dando-nos uma impressão de frescura que lembra melancias acabadas de retalhar.



Branças, cor de rosa, vermelhas ou amarelas – quem não sentirá o aconchego expresso, nos seus vãos bem proporcionados, a lhaneza das suas portas largas e convidativas, a linha doce dos seus telhados de beira saliente com os cantos graciosamente revirados, o aspecto conciliador dos seus alpendres, as trepadeiras garridas respirando suficiência... finalmente, as suas chaminés hospitaleiras e fartas!

Voltamo-nos hoje para todas essas coisas com a saudade dum equilíbrio perdido: é um regresso ao bom senso, uma reacção, no bom sentido após a longa época de indiferença ou isensibilidade estética. Não se trata dum impulso romântico para as velharias; é apenas o reconhecimento da importância da arquitectura como índice de civilização, sentindo-se a necessidade duma grande reforma.

Enumeremos alguns traços architectónicos que são de todo recomendáveis, repelindo outros por ilógicos ou simplesmente porque ferem o sentimento de quem aprendeu pelo livro da Natureza.

A beleza fundamental do aspecto exterior duma casa está nas suas proporções; estas porém não se estabelecem por meio de tabelas; é indispensável uma educação especial do sentido da vista para se poder proporcionar com harmonia e nobreza. No entanto, dum modo geral se pode afirmar que está actualmente incutido entre nós um gosto desnatural, uma noção falsa de elegância, a qual se julga ser exclusivamente atributo das coisas altas e estreitas; como se vãos, pilastras, painéis, esteios – tudo tivesse de ser esguio para ser elegante.

É um vício de sentimento cuja origem facilmente se descobre.

É que desde que há decadência do sentimento artístico, todas as vezes que se pretende fazer obra imponente, antolha-se-nos a grandeza das coisas passadas; e quando há

uma compreensão grosseira da grandeza em arquitectura, julga-se poder ganhar imponência pelo simples aumento das dimensões.

Acontece porém que a crescente exigência das pessoas que constroem tem sido acompanhada por um encarecimento muito considerável dos terrenos para edificar. Uma área que antigamente seria reservada para uma ou duas salas apenas, é hoje ocupada por uma habitação inteira. Ora, como não se desiste de certas pretensões a imponência – que se faz? Exagera-se muito a altura de todas as coisas, já que alargar nada se pode. E daí os vãos altíssimos, as portas esguias com bandeiras inúteis, os pés-direitos exagerados e por consequência a predilecção geral por tão aberrantes proporções ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Tem-se procurado dar a certas construções da cidade o aspecto interessante que com razão nos encanta em antigas casas portuguesas; para isso se têm copiado pormenores architectónicos isoladamente, adaptando-os tais como se encontram nas edificações originais. Dá-se porém o caso de que o que nos encanta nas antigas casas não são somente os pequenos pormenores separáveis, é acima de tudo o conjunto das proporções e estas na maior parte das vezes não se podem manter nas modernas construções citadinas. São os terrenos hoje incomparavelmente mais caros, portanto mais exíguos, obrigando a juntar mais as janelas e a estreitá-las; por outro lado as prescrições das entidades administrativas são inexoráveis no que respeita a pés-direitos, e as normas higiénicas de hoje pedem uma certa superfície de iluminação e arejamento que só se obtém tornando as janelas muito altas, já que não se podem alargar. De tudo isto resulta que fica absolutamente perdido o efeito que se esperava obter, e as casas assim architectadas parecem às vezes as antigas... mas reflectidas num espelho côncavo que torna as imagens esguias e caricatas.

Muitas vezes também se cai no erro de ignorar quanto em certos casos o carácter duma construção é devido à simples espessura das suas paredes – erro bem patenteado nesses “castelos” que hoje se constroem e que parecem ser feitos de cartão.

Ora seria bom convencer-mo-nos de que o que é corrente na arquitectura portuguesa dos bons tempos são os vãos avantajados na largura, isto é, o contrário do que hoje se usa. Nós vemos nesta característica um reflexo daquela nossa tradicional maneira de ser que se traduz também pela palavra *largueza* e cuja expressão genuína talvez subsista ainda na nossa generosa hospitalidade provinciana.

Mas há outras coisas que, além de nos serem caras pelo amor da tradição, são belas em absoluto. Já fizemos menção das paredes caiadas em qualquer cor; não só por serem de uso antigo as recomendamos, é que são na verdade de aspecto muito mais agradável que paredes pintadas a óleo.

O caiado dá às superfícies uma certa palpação de vida, dá-lhes uma auréola de fresquidão na ardência do estio, suspende e alivia em cintilações a luz esmagadora do sol de Agosto, aumenta a transparência nas projecções de sombra... Depois, com o tempo, nada perde do seu valor decorativo; quanto mais antiga a caiadura, mais interessante se torna o seu manchado de oxidação.

Porque será que todos se habituam a ver beleza no oxidado dos bronzes de arte, até nas representações da figura humana? Opinariam por acaso que se embotasse a vida que pulsa numa obra de arte assim sob uma camada gorda de tinta a óleo? Semelhante consideração merecem as nossas casas, mormente as do campo onde o contacto com a Natureza é mais amplo.

É ver como as paredes caiadas atraem e parece que amparam as flores dum jardim. Quem ama as flores já deve ter observado a falta de simpatia que existe entre estas e o oleoso revestimento das habitações burguesas a que tantas vezes, por cúmulo de mau gosto, se dá uma cor de chumbo carregada. Pobres plantas exiladas pelos jardins da cidade,

entre um pesado gradeamento de ferro fundido e uma parede que as repele, como que receando, o seu contacto!

A cor é um elemento expressivo que em arquitectura não se deve desprezar. Pois se temos a facilidade de por meio da cor dar uma feição característica às casas, por muito modestas que sejam, porque não havemos de fazer largo uso deste processo tradicional? O branco fica bem em toda a parte mas o seu domínio são as regiões mais áridas como os campos do Alentejo, ou o cáldio litoral. Como variantes há o branco de nata, o anilado, o enxofrado ou flor de tília e toda a escala que se liga com os amarelos que começam no tom de palha e vão até à riquíssima cor de ocre pura. Além da cor de rosa a que já acima aludimos, temos o vermelhão que tão bem fica junto dum pomar de laranjeiras; temos o sangue-de-boi, bom companheiro dos velhos ulmeiros nas estradas do termo de Lisboa, e temos o nobre verdete, duma técnica difícil, mas de tão aristocrática tradição que mal o podemos imaginar sem que o vejamos como fundo de qualquer pátio senhorial sombreado por esbeltas acácias em flor.

Não quer isto dizer que a cal seja o único paramento digno da habitação; há casos especiais em que é admissível a pintura a óleo, em certas obras nas ruas duma cidade e quando tenham uma arquitectura desenvolvida e rica. Mas nós não nos podemos habituar a ela; dá-nos sempre uma impressão semelhante à de quando vemos uma pessoa que passeia uma capa de borracha nova por um belo dia de sol.

A caição está para as casas como o fresco tecido de linho para a mesa das refeições, serve aos ricos, serve aos remediados, serve a todos – é clássico o seu emprego e nunca poderia ser substituído com vantagem pela seda mais rica.

Impróprio é o uso de se pintarem as persianas ou gelosias das janelas da mesma cor que as paredes exteriores da

casa. Janelas são órgãos necessários, indispensáveis numa casa; não há razão alguma para que se disfarcem. Uma fachada ganha interesse se houver um contraste qualquer, bem achado, entre a pintura das paredes e a das persianas. Quando tudo é pintado da mesma cor e que os vãos estão todos fechados, então as casas assemelham-se a grandes caixas mais próprias para armazenagem de quaisquer materiais do que para habitação de gentes.

Por a enxilharia (pedra aparelhada) não se poder considerar como económica, não nos deteremos a falar nela. O seu emprego é sempre belo quando dentro das tradições regionais; devemos, porém, prevenirmo-nos contra os hoje tão queridos revestimentos de pedra rústica. É mais difícil do que se supõe a adopção do género rústico de construir; demanda um critério muito experimentado para não resultar em infantilidade ou barbarismo. É tão interessante o rústico bem compreendido como impossíveis de tragar são todas essas fantasias muito artificiosas, mas nada artísticas, que a todo momento encontramos aplicadas nas vivendas de campo mais pretensiosas.

No emprego do tijolo deve também haver um cuidado especial. É um belo elemento de decoração quando aplicado criteriosamente, mas é detestável quando em casas de habitação se adopta o cânone de construções industriais estrangeiras, nomeadamente das francesas. Para não errarmos na aplicação do tijolo devemo-nos cingir aos modos orientais que tiveram um reflexo nas nossas construoess mudéjares, e – aproveitando o que há de extremamente interessante nestes processos – livrar-nos-emos de cair na imitação dos incolores modelos fabris que nenhuma relação podem ter com as nossas tradições e que tanto desarmonizam no meio da nossa paisagem.

Mas antes de prosseguirmos na análise das diferentes

feições exteriores duma casa, é preciso dizermos ao que devemos atender em primeiro lugar se se trata duma casa de campo cujo efeito venha a fazer parte mais ou menos importante duma certa paisagem: temos obrigação de procurar harmonizar a nossa obra com o conjunto de circunstâncias que dão o carácter especial à localidade. Não é coisa de explicar em poucas palavras como isto deva suceder; o processo é complexo visto que se tem de atender à psicologia do proprietário, respeitar os elementos picturais da paisagem e manter-se dentro da categoria própria da obra, sem perder de vista as condições materiais do sítio nem desprezar certas tradições regionais.

É certo porém que o primeiro dever de ordem estética para quem constrói é o duma adaptação absoluta ao ambiente em volta da casa, e no modo como isto se consegue está a pedra de toque do valor artístico de qualquer construção no campo.

Nas cidades, sobretudo nas nossas cidades construídas sem um plano inteligente que respeite as condições panorâmicas especiais de cada lugar e onde há o maior desprezo por esse argumento ao qual temos tristemente de recorrer sempre em última instância – o atractivo dos estrangeiros –, para esses o caso é muito diferente; o que na maioria das vezes convém é o máximo isolamento entre as construções vizinhas, é procurar a imunidade numas circunstâncias em que qualquer harmonização é de todo impossível.

Bem mais grata é a solução do problema no campo, tanto mais fácil quanto maior é o interesse pitoresco do local.

Um erro em que muitas vezes se incorre é o de se desprezarem condições topográficas existentes que, bem aproveitadas, podem dar grande realce às linhas gerais duma casa. Quantas vezes se vê um proprietário despendar somas importantes em movimento inútil de terras só para poder co-

meçar a construir num chão raso, sacrificando árvores e acidentes de terreno que só por si dariam o maior encanto a um jardim!

Uma vez lencontrada a linha externa da casa e estabelecidas as suas proporções – coisas de importância primacial para o bom efeito, pode-se em seguida cuidar das diferentes partes da construção e seus pormenores.

Grande importância tem a forma de cobertura. Mais uma vez insistimos em que o encanto dos telhados antigos não é apenas o resultado da sua idade:

1.º A telha de canal ou encanudada é mais *forte* na sua forma que a do tipo chamado marselhês. Convém esclarecer o que são formas fortes na arquitectura: são todas aquelas que exprimem de maneira mais evidente a sua função nas edificações; neste caso estão, por exemplo, as telhas de canal e de escama que pela sua forma evidenciam melhor de que quaisquer outras a sua função de protecção e abrigo nas construções.

2.º Devido a uma mais solta articulação do material têm os telhados construídos à antiga maior facilidade em se adaptarem a qualquer feitio, e daí aquelas linhas de sanca muito graciosas, aquela doce curva dos telhadas antigos.

3.º Sabe-se que em toda e qualquer obra, em que seja admitido carácter artístico, a impressão maquinal é sempre inimiga da beleza, tanto pior quanto mais aparente for a acção da máquina, quanto menor for a intervenção do sentimento do artífice.

Esta regra não só tem aplicação às diferentes qualidades de telha como também serve para explicar a relativa fealdade dum sem número de materiais modernos empregados na construção, tais como certos ladrilhos, azulejos, ornatos de estuque ou de ferro fundido.

Muitos dos nossos leitores por certo se espantarão de saber que na Inglaterra, em todas as construções mais cuidadas e em que se procura maior regalo para a vista, é regra geral determinar-se o emprego exclusivo de telhas (às vezes até de tijolos) de feitura manual.

Porque é aceitável, por exemplo, o ladrilho sem desenho, duma só cor ou em singelo xadrez? Porque se apresenta como simples material que é, cuja graça reside apenas no ritmo das juntas ou no contraste das duas cores, sem pretensão de ornamento engenhado sobre princípios errados.

Vale a pena definir o que são estes princípios errados na ornamentação.

Ninguém emprega qualquer motivo ornamental sem por isso querer produzir uma sensação de agrado; ora não é admissível que esta se nos possa transmitir sem que tivesse primeiro existido na pessoa que compôs o referido motivo.

Ornatos feitos por maquinismos ou fundidos, multiplicados ao infinito e sem vestígios daquela graça sem a qual não há princípio algum de beleza, são coisa que devemos banir das nossas casas, desprezando-as por inúteis e fastidiosas.



Voltando ainda a falar nos telhados -, actualmente há muito entre nós o desgracioso costume de prover as casas de campo, com grandes abas salientes, revestidas de madeira aparelhada e guarneçada de frâgeis arrebrques também de madeira ou de ferro fundido.

Nada há de mais impróprio.

Pois se temos os lindos beirais em variadas combinações

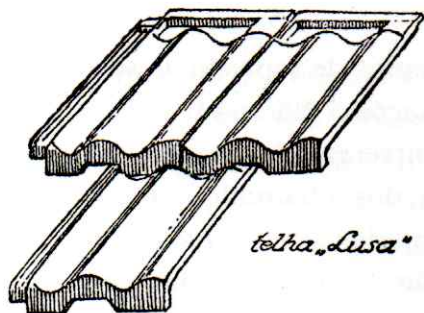
por todo o país, porque não os havemos de reproduzir ou de desenvolver achando novas combinações? Não há bordas de telhado mais belas que as que são arrematadas por um beiral à portuguesa. Essas outras, as dos chamados *chalets*, desde há muito que estariam condenadas se se pensasse um pouco no custo da sua conservação; raquíticas criações, o nosso clima não as perdoa e só se podem manter protegidas por camadas de tinta a óleo, renovadas constantemente.

É um bom exemplo de errada adopção de processos estranhos de construir.

Sabemos que a madeira tem aplicação também nas tradicionais varandas da Beira, mas aí é lógico o seu emprego visto que abunda na região o castanheiro que fornece linda madeira e da mais resistente.

É preciso dizer-se que sob o ponto de vista económico a cobertura de telha de canal é ainda assim dispendiosa para ser feita com todo o esmero; podemos na entanto recomendar um certo tipo de telha, denominada "Lusa", que apareceu há alguns anos no mercado e que, enquanto se não inventar outro melhor, é bastante satisfatório. O seu assentamento é exactamente como o da telha de Marselha; não tem porém o aspecto prensado daquela, porque é uma simples ondulação com profundo relevo. Sobre um beiral à portuguesa com suficiente balanço e ligando-se a este por meio duma sanca bem lançada, as coberturas de telha "Lusa" arrematam-se perfeitamente e, querendo gastar-se mais alguma coisa, o que vale muito a despesa é empregar telha vidrada, com vidro, transparente ou de cor verde, obtendo-se assim um belíssimo telhado sem defeito.

Apareceu também ultimamente um outro tipo de telha cujo assentamento é como o da telha de Marselha, mas cujo aspecto agradável igual um certo tipo que se empregou em algumas construções pombalinas e no qual avulta um largo



canal ligado a uma parte convexa mais estreita.

A cobertura é sempre uma feição muito importante no arranjo da linha geral duma construção modesta, e grande cuidado devia haver sempre em

ordenar os elementos que a compõem.

Se percorrermos as ruas das nossas cidades modernas e se fizermos uma excursão pelos seus subúrbios, debalde procuraremos o predomínio de motivos apendrados que naturalíssimo seria poderem-se encontrar num país com o clima e com a tradição architectónica de Portugal.

Ao contrário do que sucede por exemplo em Espanha, onde no sul se conserva a tradição dos pátios, nós não temos ainda uma disposição de casas generalizada e lógica que corresponda às exigências do nosso clima e da nossa maneira de viver.

Se o calor de verão nos apoquentá, as nossas casas, ainda as mais ricas, não oferecem na sua maioria um refúgio próprio e apetecível nesses dias em que voltamos da rua extenuados e ansiosos de encontrar a celebrada frescura dos pátios meridionais.

Aos próprios quartos de banho, não se lhes dá a importância que o nosso clima justificaria nem sabemos aproveitar o pretexto da tradição mourisca para a sua disposição.

Por outro lado, num clima de extremos como é o nosso, sofrem-se inclemências do frio por não haver nas moradias modestas outro lar além daquele em que se prepara a comida.

Em geral o conforto íntimo das casas não está em harmonia com a sua parte representativa cuja importância somos tentados a exagerar.

Quantas vezes sem consideração cometemos o descuido de adoptar certos estrangeirismos. Fizemos a observação de que nas construções modernas, escasseiam os alpendres; em compensação abundam os recintos envidraçados (por todos os lados e por cima) que se prestariam apenas à cultura de plantas exóticas. Mas não é para esse fim que eles se utilizam; não se sabe bem para que possam servir – torreiras no verão, brejos no inverno, servem principalmente de campo para as mais bárbaras combinações de vidros de cor.

Mas deixemos estes sinais duma triste falta... não dizemos já de gosto mas de pensar, e entremos finalmente na casa.

A porta, imaginamo-la bem acolhedora, antes baixa que alta, mas larga,⁽¹⁾ abrigada por um alpendre com seus esteios de alvenaria, de pedra tosca ou lavrada, e assediada, de todos lados por plantas trepadeiras contidas por latada ou por caniçados em esmerado concerto. – Um só batente de madeira à vista, protegida apenas por verniz transparente, separa-nos do interior da casa.

A porta desliza pesada, mostrando que é espessa e boa guardadora. Entramos num pequeno vestíbulo que até nas casas modestas não deve minguar; serve de guardavento e tem lugar bastante para cabides, capacho e umas escovas. Cobre o chão singelo ladrilho vermelho, e em volta das paredes um rodapé alto, de azulejo miúdo enxadrezado, apara bem os salpicos da chuva quando alguém chega acossado pela invernia.

⁽¹⁾ Uma boa proporção para qualquer porta de entrada de casa é por exemplo aquela em que se toma por base da largura o espaço necessário para duas pessoas passarem a par, e de altura pouco mais que o suficiente para caber um homem alto de chapéu na cabeça.

Todas as casas têm a sua importância simbólica especial. Num vestíbulo, ao mesmo tempo que nos desempoeiramos devemos também lançar para longe de nós a má disposição por onde infelizmente se rasteja a qualidade de comércio tido lá fora com o mundo exterior. Devemos portanto cuidar do arranjo destas pequenas mas importantes divisões, cujo aspecto logo de entrada nos deve impressionar agradavelmente.

Se o morador trata de negócios em sua casa é indispensável que deste vestibulo se abra uma porta para o escritório; nós porém entramos daqui directamente para a divisão central da casa – um átrio relativamente amplo e fundo donde nas habitações mais modestas se pode com vantagem fazer sala de estar. Corresponderia este átrio portanto ao *hall* inglês e, como naquele, també daqui pode partir a escada que comunica com o andar dos quartos de dormir.

Desta casa poderíamos criar uma feição que bem caracterizasse a moderna habitação portuguesa. Distinguir-se-ia do *hall*, à primeira vista, por ter um aspecto mais maciço, pelo predomínio da pedra-e-cal em vez dos ricos madeiramentos mais próprios dos países do norte. Aqui seriam os silhares de azulejo, os arcos, os nichos abobados, os pilares de alvenaria ou pedra, os tectos arqueados – onde ali se vêem escoras e prumos afeiçoados de rijo carvalho, frontais tecidos com a madeira à vista, cortinados no lugar da rótula portuguesa... Aquele efeito delicioso de se estar dentro duma grande arca teria de ser substituído aqui pela impressão de recolhimento e frescura, semelhante à que é própria dos nossos pátios claustrais.

Parece-nos que esta é a orientação em que se poderiam aproveitar as qualidades pitorescas dos nossos antigos pátios e átrios de entrada por uma forma consentânea às modernas condições de vida.

A arquitectura das nossas casas é assunto sério de mais para que nos comprazamos em fantasiar decorações histórico-cenográficas, sem uma razão de ser apoiada na vida que nos cerca. Mas nada nos obriga a adoptar esquemas correntes, banais, vulgarizados através duma indústria indiferente à educação estética do público. Pelo contrário, é perfeitamente justificável que procuremos encontrar meios de transpor para a nossa habitação de hoje elementos produtores de quaisquer impressões que nos encantem nas casas de outros tempos – afinidades, reflexos apenas –; nada de copiar porém, que o copiar, a não ser durante os exercícios de aprendizagem, é improdutivo; quem só copia é porque não distingue o essencial do acessório – e o que nós queremos é o reconhecimento do que é essencial, é o aferro à nossa índole verdadeira, o sentimento e a intuição das coisas portuguesas, para assim podermos caminhar criando alguma coisa também e não nos enredarmos apenas no retilhar de fórmulas invariáveis e portanto estéreis.

Iamos dizendo que do átrio, conforme o imaginamos, poderíamos muito bem desenvolver um tipo original de aposento. Nele reuniríamos certas feições tendentes a procurar aquela mesma sensação de encanto que nos causam os pátios do Alentejo ou certos átrios de entrada nas casas das províncias do norte. Somente. . . átrios de entrada e pátios, não os poderá haver em todas as casas, sobretudo nas que se têm de cingir a uma área mais resumida. Aliaríamos portanto aqui uma disposição de origem estranha, o *hall*, mas cuja conveniência dia a dia se vai impondo entre nós, a uma série de elementos caracterizadamente nacionais cuja adopção e subsecutiva transformação garantiriam a rejuvenescimento e o prolongamento do seu encanto.

Isto se faria sem uma ligeira sombra que fosse de introdução forçada de quaisquer motivos architectónicos. Justi-

ficar-se-ia a introdução de: arcadas, pilares ou colunas para suporte de galerias ou do tecto; pavimentos de combinações de tijolo e azulejo; silhares de azulejo; começos de escada em elegantes e amplas volutas; rótulas como disfarce duma passagem de serviço ou recatando a galeria de acesso aos quartos de dormir; estrados, nichos, fontes, decorações em azulejo recortado, grades torneadas de madeira ou forjadas em ferro, parapeitos arrendados, motivos de pedra esculpida em cachorros, fechos de arco, etc., etc.

Nem se julgue que um aposento assim seja incompatível com o aconchego e o agasalho durante os meses de inverno; lá está ao fundo de amplo recesso uma grande lareira à alentejana, e para o que possa haver de excessivo frescor nos silhares de azulejo, bem andaremos nós se restaurarmos uma linda e antiga usança, colgando as paredes, durante o inverno, de interessantes tecidos.

Passando agora do átrio para a sala de estar, entramos numa das principais divisões cuja orientação deve ter sido cuidadosamente escolhida, conforme mais acima observámos. É este um aposento cuja definição precisa ainda de ser generalizada entre nós. Devia corresponder à sala que em inglês se chama "parlour" – como quem diz "parlatório". É a casa de reunião da família e como tal deve ser talhada para servir convenientemente estas reuniões habituais. Na maioria dos casos haverá alguma mesa grande de serão, mesa espaçosa e sólida, que não trema logo que alguém se encoste a ela e que tenha cabimento para a indispensável leitura, trabalho e passatempos predilectos. Se houver lareira a algum lado, aí também se deve contar com um agrupamento de cadeiras para o cavaco, e se a casa for no campo e quando haja a felicidade de ao fim de cada dia se poder ver como a tarde cai pelos montes e vales – então também a janela terá importância primacial, não só como fonte de luz senão como

moldura por onde a imaginação gostosamente se furta às preocupações deste fadário em que andamos.

Depois que se tenha estabelecido o programa dos cômodos segundo os hábitos e as predileções da família, vemos que uma planta irregular pode muitas vezes favorecer a disposição deste aposento e que não há necessidade duma sujeição rigorosa ao eterno quadrilátero rectangular. Muitas casas que ainda hoje se constroem parecem delineadas por algum hortelão incapaz de imaginar outra disposição que não seja semelhante à dos seus alfobres. Como aqui se fazem as sementeiras, indiferentemente, em qualquer dos rectângulos entre os regos, ali também se podem trocar as designações das casas sem que a planta fique melhor ou pior por essa causa.

Sobre a casa de jantar, seja grande ou pequena, oferece-se-nos principalmente dizer que ela deve estar numa bem estudada relação com as outras salas e com a cozinha. É muito desagradável quando a sala de jantar está longe das outras salas e que para lá chegar é necessário percorrer um corredor muito comprido, que de resto se devia evitar sempre que fosse possível. Entre a sala de jantar e cozinha convém sempre que haja uma copa, ou casa parecida, que tenha as portas de comunicação convenientemente colocadas, de maneira que quem estiver à mesa não veja a cozinha nem possa ouvir os desabafos da cozinheira ou sentir os fragores da luta que esta trava com as suas baterias. Quando se têm hóspedes à mesa e que numa daquelas refregas acontece ir parar ao chão qualquer unidade de pó-de-pedra, é muito penoso para a dona da casa ter de sorrir graciosamente; portanto é de toda a conveniência estudar-se o bom isolamento daquela divisão e estamos em dizer que preferível é ser a cozinha afastada de mais do que muito próxima da sala de jantar.

A boa ventilação da cozinha é também muito importante para o conforto duma habitação. Há casas em que o vento impele diária e regularmente todos os cheiros para o interior da habitação, o que se torna muitas vezes insuportável.

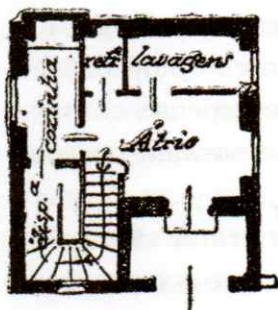
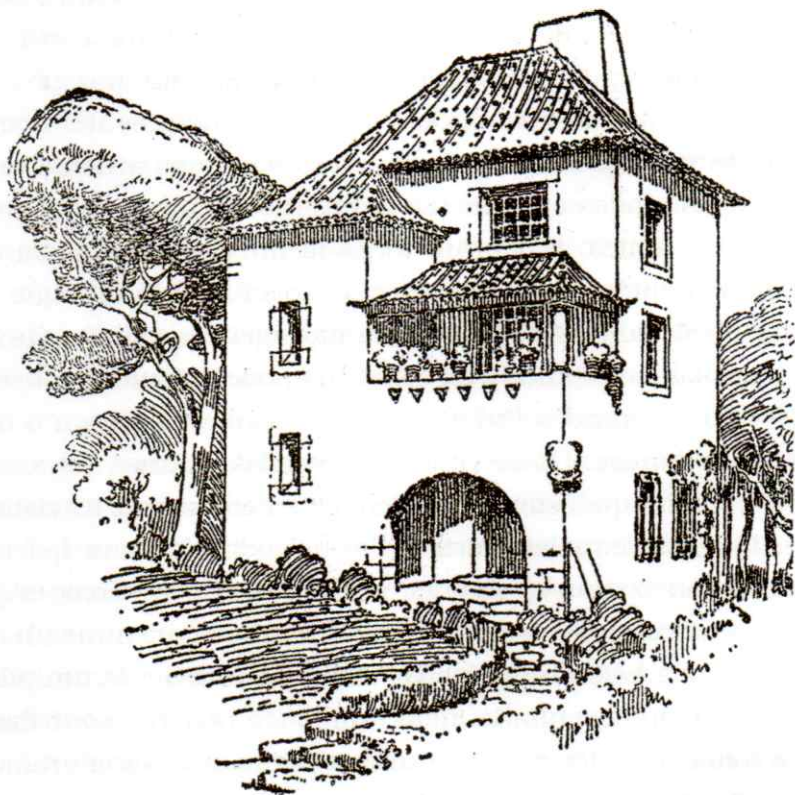
Somos chegados ao alpendre da casa, essa feição caracteristicamente portuguesa cuja importância se não pode exagerar. O alpendre moderno entre nós devia merecer tal desenvolvimento que se tornasse indispensável, principalmente nas habitações desprovidas de jardim. Para isso não nos faltam os melhores modelos nas nossas construções antigas; mas a sua adaptação às casas modernas terá de ser sempre muito ponderada e bem estudada.

O alpendre pode ser saliente, recto ou em curva, reentrante, ligado a uma escada interior ou exterior, mais ou menos independente da casa ou do jardim. Quer ele se abra junto à sala ou a qualquer outra divisão da casa, o que é preciso é que a sua orientação tenha sido bem escolhida.

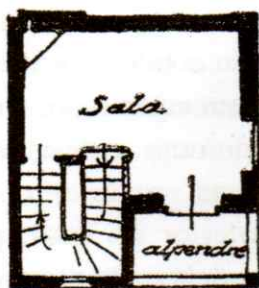
O alpendre pede em primeiro lugar muito sol, não só por uma razão estética, mas também para compensar a luz que ele rouba às casas que lhe ficam anexas.

Um alpendre sem sol é coisa triste. Se pelas circunstâncias topográficas e panorâmicas o alpendre houver de ser voltado ao norte, recomenda-se o seu envidraçamento que resguardando a casa das nortadas não oferece aqui o perigo de a tornar uma estufa. Neste caso os vidros pequenos com o jogo variado dos seus reflexos suprem até certo ponto, quanto ao aspecto, a falta de incidência directa do sol.

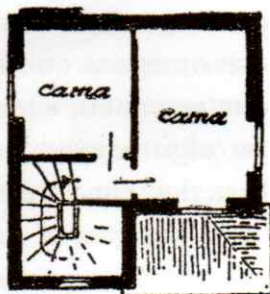
O segredo dum alpendre interessante e engraçado está acima de tudo nas suas proporções. Com a mania geral moderna de tornar esguias todas as partes da construção, tem-se muitas vezes exagerado a altura dos esteios em relação ao fundo do alpendre, tirando-se-lhe assim todo o carácter e



Rez-do-chão



1º Andar



2º Andar

destruindo desse modo em absoluto a impressão de abrigo que em primeiro lugar um alpendre deve sugerir. Outro erro muito comum é o de se temer que os esteios duma certa robustez prejudiquem por obstrução as vistas que por eles se disfrutam, quando a verdade é que se dé justamente o contrário na maioria dos casos. Já não dizemos os artistas pintores, senão todos os bons fotógrafos, ao quererem tirar uma vista panorâmica, procuram torná-la interessante mediante a inclusão dum tronco de árvore ou coisa semelhante que se recorte bem no primeiro plano da paisagem escolhida. Qualquer pessoa passeando entre árvores pode facilmente observar como as grandes linhas verticais destas valorizam o aspecto dos longes. Dá-se o mesmo com as colunas ou arcos dum alpendre que, emoldurando convenientemente as vistas, lhes dão grande realce. Portanto as delgadas colunas de ferro fundido, ou outras quaisquer invenções que pessoas cegamente amorosas do progresso possam imaginar, nunca hão-de igualar a beleza imperecível duma coluna ou de um pilar de pedra bem desenhado, nem tampouco poderão contribuir para o maior realce ou encanto das vistas que emolduram.

É agora tempo de tratarmos, dum modo geral, de vários pontos da construção. Na impossibilidade de descrever todos os casos que se dão e todas as variantes de decoração que se podem adoptar em cada caso, vamos apenas enumerar alguns exemplos, de cuja exposição se possam porventura deduzir certas regras.

Começando, no interior da casa, por tratar dos pavimentos, não queremos deixar de observar que o bom gosto abrange também partes invisíveis da construção. Na execução das partes propriamente construtivas, ainda que ocultas, seria de muito mau gosto fugir-se à necessária solidez e aos bons preceitos de mão-de-obra. Mau gosto não é

só a aplicação errada dum ornato; é também por exemplo um sobrado que bamboleia logo que é acabado de assentar ou um caixilho que não veda a água da chuva.

Os pavimentos querem-se sempre muito firmes, de qualquer material que sejam, segundo a qualidade dos diversos aposentos e várias condições técnicas. Já nos referimos ao valor negativo do ladrilho prensado com desenho. Uma visita às fábricas de ladrilhos convencerá qualquer pessoa de que estes padrões são produzidos sem a mínima parcela de prazer por parte de quem os executa. São portanto todos maus na sua repetição fastidiosa e tanto piores quanto mais pretensioso for o seu desenho.

Se outra prova não existisse, bastaria, para dar a medida do ponto a que chegou a corrupção geral do gosto, o facto de serem mais queridos do consumidor todos aqueles padrões por cujo desenho e sombreado se procura dar às pessoas a ilusão de que andam a pisar sólidos geométricos colados de bico para o ar, estrelas em alto relevo e outras suavidades mais!

As cores únicas e algumas das suas combinações são recomendáveis para pavimentos; devem porém evitar-se os grandes contrastes quando não sejam em casas de passagem. Nas divisões onde mais se permanece convém maior sobriedade na composição dos desenhos, para se não tornarem inquietantes, desviando constantemente a nossa atenção. A mesma regra diz respeito não só a ladrilho, como também a lajedos, nos quais se podem obter efeitos ricos apenas pela disposição das juntas e por pequenas diferenças de cor provenientes de acasos na pedra.

Empregam-se já hoje também muitas vezes as combinações de ladrilhos ou tijolo e pequenos azulejos, de que se podem tirar lindos efeitos, ora seguindo os modelos antigos ora inventando novas combinações.

Outro pavimento interessante, que antigamente se usava em átrios de entrada, é o que se compõe de seixos de diferentes cores formando qualquer desenho geométrico e que, pela sua natural irregularidade, se torna muito mais divertido à vista do que aqueles empedrados mais perfeitos de pedra britada que, pelo rigor com que em geral são executados, se tornam monótonos. No entanto o género rústico deste trabalho só permite que tenha aplicação nalgum alpendre de entrada, nas ruas de jardim ou em certas divisões das casas campestres. Nestas últimas é também encantador o uso de se cobrir o chão térreo de mós que serviram nos antigos moinhos, preenchendo-se os intervalos com qualquer outro material, como tijolo ou seixos.

Os pavimentos assoalhados, além da sua fraca condutibilidade térmica, têm de agradável a sua cor quente e a não menos importante elasticidade própria da madeira. O tratamento mais interessante é o lustro puxado sobre uma camada de cera e água-raz, podendo por meio de infusão escurecer-se a madeira ao ponto que se quer. Sobre combinação de cores e desenho dos parquês nada há que acrescentar ao que ficou dito a respeito dos ladrilhos. Outros pavimentos modernos, constituídos por uma massa que se estende à pá e que depois adquire grande rijeza, são de muita conveniência prática e agradáveis à vista quando bem tratados.

Passando agora do chão para as paredes, começamos por recomendar as boas espessuras principalmente das paredes em contacto com o ar exterior. Não há perigo de se exagerar esta recomendação, tão conveniente sob os pontos de vista do conforto e do aspecto como justificada pela falta de atenção dispensada a tão importante assunto. Para as pessoas dotadas de alguma sensibilidade, o conforto prestado numa casa pelas paredes grossas é coisa que se aprecia

constantemente. Paredes não servem só para sustentar os pavimentos e a cobertura, devem ser também isoladoras eficientes que nos protejam das temperaturas excessivas; não nos devemos portanto contentar em dar às paredes mestras apenas a espessura determinada pelas condições estéticas: faremos bem em pensar quanta frescura no verão, quanto agasalho no inverno lhes queremos ficar devendo.

Quanto aos vãos a abrir, tanto nas paredes exteriores como interiores, pondere-se bem de antemão qual o seu número e tamanho indispensáveis. Prevalece entre nós o costume de se copiar ignorantemente – até nas casas mais modestas – a disposição simétrica de vãos própria das casas apalaçadas. Daqui resulta quase sempre o sacrifício dos aspectos ou das comodidades interiores por amor duma simetria rudimentar e descabida. Em geral uma única fonte de luz é suficiente para cada divisão pequena; pelo menos é mais bela assim a distribuição de claridade e sombra nas casas. Há portanto vantagem em fazer estas janelas de ampla largura, o que raras vezes sucede nas nossas casas modernas, onde se prefere a multiplicidade de vãos estreitos que, além de desfavoráveis para a interessante distribuição da luz, não fazem sendo encarecer a obra e dificultar a disposição do mobiliário.

Surgem às vezes dúvidas sobre a razão que possa haver no emprego de vidros pequenos, no lugar de grandes chapas, como as que a indústria moderna hoje fornece com facilidade. Seja dito, para esclarecimento de quem no caso ainda não pensou, que os vidros pequenos são em geral preferidos pela importância decorativa que tem o reticulado dos seus pinásios, já porque melhor revelam a função protectora das janelas, já porque dão aos trechos vistos através dos caixilhos uma graça especial e comparável àquela de quando ao rosto duma mulher se antepõe um véu de grossa malha.

Coisas semelhantes se podem dizer das portas interiores. Parece estar aqui convencionado que não se considera casa capaz toda aquela em que não houver esguias portas de dois batentes e em grande abundância. Vemos em quase todas as habitações portas inutilizadas e batentes que se não abrem, só por se quererem imitar sem critério e em espaços muito resumidos, certas disposições que só ficam bem nos palácios. Na grande maioria das nossas casas são suficientes as portas de um só batente quando tenham uma boa largura (nunca menos de 0,80 m). Tampouco se justificam a exagerada altura das portas e o uso das grandes bandeiras de madeira ou envidraçadas. Nunca se consegue um aspecto de conforto onde os vãos têm um tal predomínio sobre os lanços de parede. Compreende-se que, não havendo aonde encostar os móveis nem cantos onde as pessoas se sentem ao abrigo de correntes de ar, não pode haver aconchego; e toda a divisão não muito grande onde se abram grandes portas de todos os lados dará sempre a impressão duma antecâmara, vestíbulo ou casa de passagem entre várias salas.

As maneiras de tratar a parede sob o ponto de vista artístico são tão numerosas e variadas que a sua descrição não cabe no limite destes apontamentos. O proporcionar dos membros, a escolha e distribuição das cores são coisas demasiado subtis para serem aqui tratadas extensamente. Como, porém, em questões de cor em geral se peca pela simples falta de discorrer, seguindo-se cegamente os maus exemplos, vem a propósito dizermos alguma coisa a este respeito.

Ouvimos falar, a todo o momento, de cores que *dizem* e de cores que *não dizem* umas com as outras; há nisto em geral certa confusão e grande soma de preconceito. Só quem tem o gosto apurado – naturalmente ou por cultura – é que

pode achar, num dado caso, a cor ou combinação de cores que melhor efeito produzem. Não há porém a este respeito regras que se possam fixar, há apenas o instinto artístico discriminador.

A Natureza bem nos ensina. Para exemplificar, e sem sairmos dum único género de criação, lembremo-nos daquela árvore em que, segundo reza a Bíblia, a serpente se enroscou para colher o fruto proibido. Há a maçã carmesim espelhenta que sobressai tentadoramente da folhagem baça dum verde glauco, e cujo brilho parece ter a sua justificação em chamar a atenção do homem para a apetecida polpa que a casca encobre. Erro seria se quisessemos inferir daí que em todo o fruto comestível o mesmo contraste de cores complementares deveria existir. Pois não temos nós maçãs não menos apetitosas que na cor se confundem com a própria folhagem e se distinguem dela apenas pela sua redondeza? Que diferença de aspecto entre a laranjeira com os seus globos luminosos espreitando por entre as lanças de bronze da sua ramagem e a modesta aveleira cujos frutos se escondem e disfarçam entre as próprias folhas!

Não há cores – nem suas combinações feias –, o que muitas vezes há são aplicações erradas. Confusa é quase sempre a ideia que se faz das leis de harmonia e do contraste. Começa porque é impossível marcar o limite onde termina a harmonia e onde principia o contraste. O que temos são fortes contrastes – e pequenos, fracos contrastes que vão declinando até a uniformidade absoluta.

Dão-se casos que requerem as mais fortes oposições, exclusivamente; outros em que só as mais fracas têm cabimento; muitos porém em que a escolha entre estes dois tipos é arbitrária.

A cor pode depender em primeiro lugar da qualidade do material, do destino das partes em que é aplicada e do tem-

peramento de quem projecta ou habita a casa, mas deve submeter-se em todos os casos a um plano geral preconcebido.

Quando, por exemplo, obedecendo a um certo esquema de cor, se empregam materiais nobres, prevalecemo-nos da sua cor característica fazendo-a realçar, quer por meio de tratameato especial, quer pelo contraste com as partes adjacentes: – mármore polidos, madeiras enceradas, estofos interessantes, etc., etc. – Se os materiais empregados forem mais vulgares e que a sua cor não tenha interesse especial, admitem-se as infusões ou o revestimento com tintas para se obter a cor desejada, mas nunca se finge coisa alguma na nossa habitação, procurando iludir. A pedra mais vulgar é superior em riqueza ao melhor fingimento de qualquer mármore exótico, feito por meio de pintura. Madeira de pinho envernizada é mais nobre do que uma imitação de pau santo, executada pelo melhor fingidor.

É de péssimo gosto usar coisas fingidas quando se não podem ter as verdadeiras. Um dos piores sintomas que atestam o baixo nível da nossa cultura estética é a quantidade de *artistas fingidores* – como aqui se lhes chama que nunca deixam de ter grandes incumbências de trabalho. O fingimento tornou-se uma verdadeira epidemia entre nós, tendo-se chegado ao cúmulo de se pintarem certos materiais a fingir o que por sua própria natureza já eram!⁽¹⁾

Um dos preconceitos mais generalizados é o de que as salas de jantar devem sempre ter como tom geral a cor es-

⁽¹⁾ Vemos, é verdade, em muitas decorações do século XVIII grandes obras de marcenaria todas recobertas de uma pintura *marmoreada* e de várias cores. Não se trata aqui, porém, de uma imitação embusteira; é apenas a adopção de um esquema de cor com o fim de se obterem efeitos ricos de decoração sem que exista ali o propósito de se iludir ninguém.

cura de certas madeiras, e encontram-se frequentemente casas onde esta regra é de tal modo respeitada que vemos ali o chão, as paredes, o tecto e todo o mobiliário como que recoberto do mesmo molho cor de castanha, sendo escusado dizer-se que a maioria dos materiais tem apenas uma representação fingida.

Para darmos agora um único exemplo da escolha errada da cor, demonstrando ao mesmo tempo a exigência dum forte contraste em certos casos, sairemos um pouco fora da esfera de construções de que nos propusemos tratar, dando um exemplo que é sumamente frisante. Referimo-nos às lojas de venda da carne em Lisboa. Por uma falta absoluta de instinto ou critério artístico, ou pior, por uma propensão extravagante para o que é errado, vemos na maior parte dos talhos da cidade empregarem-se certos mármorees do distrito que mais se assemelham às carnes cruas, com manifesta satisfação dos senhores cortadores. O resultado é que os açougues parecem-nos às vezes todos talhados na carne, construídos da própria febra, com suas nervuras e manchas de gordura. A pedra lioz quando polida parece sebo, por isso a preferem para as mesas destes estabelecimentos. Em vez de se escolher um material que contrastando com as peças destinadas à venda as faça parecer mais apetitosas, abrem-se-nos estabelecimentos onde nos repugna entrar pela impressão que temos de que as suas ombreiras, paredes e mesas se acham completamente ensebadas ao ponto de se confundirem com a própria carne.

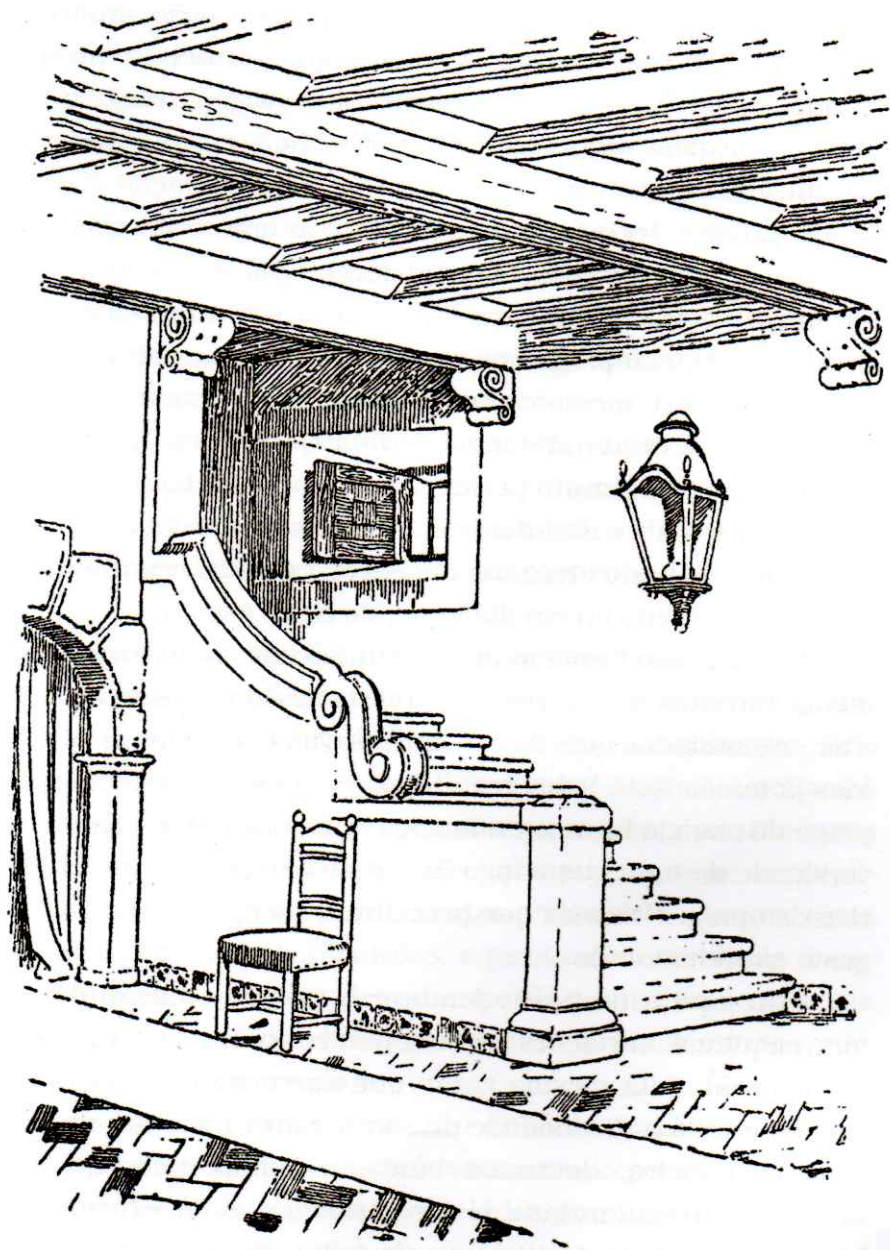
Porque é, por exemplo, que o azul é a cor clássica das louças de mesa, a cor de que nunca nos enfastiamos? Porque é a única que não coincide com a de qualquer manjar que nos possam apresentar, contrastando agradavelmente com os alimentos ou cozinhados mais frequentes.

Já falámos acima dum caso em que não convém haver

desenhos com pronunciados contrastes ou oposições de cor: – é nos pavimentos das casas em que mais se permanece. Se empregarmos aí parqué ou ladrilho, não devemos fugir às combinações em contrastes muito atenuados; o mesmo quanto às paredes, se quisermos que delas sobresaíam objectos interessantes, como quadros, etc.

Não se pode sugerir, nem muito superficialmente, qualquer combinação de cores a adoptar nos diferentes aposentos. Os donos das casas têm aqui a possibilidade da mais vasta escolha, contanto que haja criteriosa, combinação e aplicação. O que se deve primeiro que tudo é assentar no carácter que se quer dar às casas, ao seu mobiliário ou decoração. Há géneros de sobriedade, de leveza, de garridice, de frescura, de aconchego; há o género reservado ou solene, o higiénico, etc., e suas combinações, e todo o proprietário deve saber o que melhor lhe convém para cada um dos seus aposentos.

É ocasião de falarmos sobre a decoração em azulejos. Dá-se frequentemente um caso que é elucidativo sobre o seu valor decorativo – de facto, sobre o valor de qualquer processo decorativo. Os azulejos antigos encantam-nos sempre que os vemos aplicados, quer sejam os de relevo, ou mudéjares, os de figuração em azul ou os de padrão – tanto em azul como polícromos – quer os do género *grotesco* ou de livre ornamentação. Quando porém os tentam imitar, inspirando-se neles ou mesmo copiando-os, é que se vê o que isso tem de difícil. É que a graça desses productos artísticos de outras épocas não reside apenas na sua boa invenção; a sua beleza depende também muito do *gosto* de quem os executava e da habilidade manual adquirida pela longa prática. Nós hoje cremos ingenuamente que mandando estampilhar (processo quase maquinal) qualquer padrão antigo, temos logo conquistado o mesmo efeito artístico que naquele nos



seduziu. É engano. No nosso azulejo de hoje falta-lhe o melhor – aquele prazer do artista ou mesmo do artífice de que já temos falado, e sem o qual não há decoração propriamente dita, e donde resulta uma graça que nem é prejudicada pelas imperfeições técnicas do antigo azulejo nem beneficiada pela regularidade dos que hoje em dia se produzem.

É preciso ter-se muita discrição quando se aplicam azulejos em silhares e em outras decorações. Não é material barato, e acontece muitas vezes, que o resultado artístico obtido pelo seu emprego não corresponde ao que nele se despendeu; – chega mesmo a corresponder negativamente, nos casos em que muito preferível seria a cal branca da parede a certos azulejos, muito perfeitos quanto à sua técnica, mas sem um vislumbre de interesse de ordem sentimental.

É de resultado eternamente seguro o xadrez, grande ou pequeno, a direito ou em diagonal, de cores escolhidas – bem apropriadas; são também lindas muitas das combinações de faixas estreitas de diferentes cores tecendo umas pelas outras, intercaladas com faixas mais largas e azulejos inteiros. Mas já temos visto belos resultados obtidos apenas pelo emprego do azulejo branco da faiança mais ordinária, com a diversidade de tons que o fogo lhes dá e que produz um efeito rico de opala. – Não há que preceituar, há apenas que haver gosto experimentado.

Vem aqui a propósito lembrar o valor e o encanto que têm pequenas variações de tom dentro duma só qualidade de material. Pela mesma razão que apreciamos o mármore raiado, e toda a diversidade de sombreados naturais em pedra ou madeira, devíamos também compreender quanto uma certa irregularidade de cor enriquece as superfícies cobertas de azulejo, de tijolo ou de telha. Nestes materiais a irregularidade é produzida por pequenas diferenças ocasio-

nadas pelo fogo ou pela composição da argila. É a estas e outras variedades naturais de tom que é devida também uma parte do encanto nos monumentos e objectos antigos, e mal avisados andam os que escrupulosamente exigem uma uniformidade de tom, quando aquela irregularidade casual representa um enriquecimento pictórico das coisas.

É incompreensível que se seja tão escrupuloso na pureza de cor de certos materiais e que por outro lado, quando se cai no vício da imitação das mesmas coisas, se procure então a máxima variedade de tons e o maior número de *acazos*. Nisto se tem chegado, cremos nós, ao máximo absurdo, pois conhecemos edificações onde os arcos de tijolo são pintados a fingir o próprio tijolo com diferenças de tom distribuídas ao acaso.

Tratando de paredes, não será inútil lembrar algumas coisas, que quem se propuzer decorar uma casa não pode ignorar.

Dum modo geral se pode afirmar que qualquer divisão no guarnecimento das paredes em sentido horizontal fará parecer as casas mais baixas e portanto mais largas. Pelo contrário, qualquer disposição divisional ao alto estreitará à vista qualquer aposento, fazendo-o parecer portanto mais alto. Estas condições têm limites porquanto, se se multiplicam indefinidamente os elementos divisionais, passam estes a valer como simples padrões, e para tais o resultado é que sendo eles muito grandes, a superfície em que se aplicam mingua aos nossos olhos, e sendo eles muito miúdos, aumenta do mesmo modo.

Sempre à mesma pretensão de imitar a architectura de palácios é devido também o feíssimo modo por que vemos as paredes de muitas casas apaineladas por molduras de estuque. Esta falsa maneira de enriquecer as quatro paredes duma casa começa por diminuir consideravelmente as su-

perfícies livres, acentua os cantos, acanhando todo o espaço, e dificulta qualquer arranjo do mobiliário. Achamos preferível, na maioria dos casos, fazer-se uma divisão horizontal à altura das portas ou das janelas, tratando a parede daí para cima ou como friso ou como fazendo já parte do tecto, o que tem a grande vantagem de diminuir aparentemente o pé direito de cuja exagerada altura as nossas habitações citadinas em geral enfermam (pág. 30, nota).

De qualquer maneira que a cor for aplicada nas paredes é fora de dúvida que produz melhor efeito sendo baça do que brilhante. As tintas de têmpera ou aguadas são por isso dum aspecto mais agradável.

Excelente resultado, especialmente para tons discretos ou neutros, obtém-se pelo baratíssimo processo de aplicar a aguada colorida sobre a cal fresca das paredes.

Querendo-se obter efeitos mais ricos, o processo mais nobre é pintar ou estampilhar quaisquer motivos sobre o fundo liso; isto é, porém, assaz dispendioso e daí se justifica a aplicação de papéis pintados. Há lindos papéis de fabrico estrangeiro (infelizmente os nacionais são em geral tão feios que só se podem aplicar do avesso) e apenas há que recomendar cuidado em não se escolher algum padrão cuja exuberância ou viveza de cor possa vir a causar enfado.

Haverá nesta altura por certo alguém que faça a observação de que sendo os papéis de forrar paredes de fabrico macânico, não se percebe porque se recomendem sob o ponto de vista artístico. Ao que é muito simples de responder provando a falta de justeza dessa observação. Os bons papéis estrangeiros são feitos sobre originais pintados por artistas de primeira ordem. O trabalho destes é em muitos casos do mais alto encanto. Ora o processo de reprodução é tão perfeito que dá toda a graça dos originais, não havendo a mais pequena falta e acusando até os mais ligeiros acasos

do toque do pincel e do escorrimento das tintas. A reprodução dos motivos é portanto perfeita e assim nos transmite todo o encanto do original; há apenas o senão da frequência com que se repetem, e é esse o seu ponto fraco.

Por isso nós dissemos que mais nobre é a pintura-à-mão de quaisquer motivos, o que no entanto representa também uma despesa muito elevada se pretendermos obter efeitos de cor e de desenho análogos aos dos papéis mais ricos.

Sobre as portas e as carpintarias em geral, resta-nos apenas dizer que não são as muitas molduras que lhes dão importância ou beleza. Nobres proporções, boas espessuras e apurado acabamento são as condições essenciais. Se a madeira for das menos vulgares, que ela se dê bem a conhecer; se não for, temos nós a faculdade de lhe dar a cor que mais nos agrada, e todas as cores poderão ser convenientes; no entanto, quando não haja segurança no próprio critério ou gosto experimentado, é preferível adoptarem-se cores de tradicional emprego como o branco-marfim, a cor granate, o azul-cinza ou então um verde-seco ou cinzento esverdeado. Procura-se instintivamente qualquer cor que não se confunda com o tom próprio da madeira, tal é a aversão que se deve ter pelos fingimentos ou imitações.

É agora a vez de falarmos nos tectos. É curioso que sendo os tectos aquela parte das casas que mais facilmente dispensa qualquer ornamentação, é aí mesmo que por parte dos construtores mais se tem pecado contra o bom gosto. Referimo-nos aos tectos de estuque.

Um aposento com o sobrado todo a descoberto e sem um único tapete ou esteira, ou uma sala com as paredes completamente destituídas do mais ligeiro guarnecimento são coisas que dão a uma casa um aspecto de estar desabitada; mas em qualquer pequena divisão das nossas casas pode muitas vezes admitir-se um tecto absolutamente liso -

desde que tudo mais esteja convenientemente guarnecido – pois que não haverá é perigo de se cair nesse aspecto de desconforto. O que é sempre dum efeito desastroso são os tectos providos ou sobrecarregados de molduras e ornatos banais.

Podem-se bem fazer tectos muito interessantes sem um gasto extraordinário de material e tempo, mas para isso é necessário que sejam delineados por alguém que saiba obter, com relativa simplicidade, efeitos de distinção – o que nunca é possível quando se empregam a esmo molduras e ornatos já de si banais e que, dada a sua repetição e falta de gosto no dispor, se tornam verdadeiramente insuportáveis pela sua pretensão ligada a uma perfeita inutilidade decorativa.

Sendo pequenas as divisões, mais pequenas parecem se houver largas molduras estreitando a esteira do tecto, obstruída já no centro por algum florão hipertrofiado. Basta em geral uma moldura bem desenhada e aplicada no alto das paredes mesmo junto ao tecto para nos dar a impressão dum guarnecimento completo. Mas qualquer moldura, por singela que seja, tem de ser bem desenhada para ter alguma expressão.

Os tectos de madeira podem também ser muito belos. O material em si tem de simpático, além da cor, a relativa segurança que nos sugere de que não se vai despenhar aos pedaços sobre a cabeça de quem habita a casa. As vigas de madeira convenientemente tratadas e ficando à vista formam um tecto que há-de ser eternamente agradável. Há que obviar porém com esta disposição à falta do indispensável isolamento do som entre os andares – circunstância importante a que raras vezes entre nós se atende. Os forros de madeira são mais interessantes quando executados pelo processo chamado à portuguesa, em que há sobreposição de

folhas, dando um certo ritmo à esteira que pela maneira dita à inglesa não se obtém. Com forro à portuguesa e algumas molduras, bem perfiladas e dispostas, fazem-se tectos lindos, menos dispendiosos que os também muitos belos tectos em caixotões.

As formas chamadas de masseira e de cúpula são de boa tradição portuguesa e dão lugar a uma infinidade de combinações que não excluem a originalidade.

É muito conveniente e louvável que se copiem modelos antigos; mas se podermos, sem nos afastarmos da tradição, criar alguma combinação nova – maior prazer nos deve isto dar do que reproduzir obras antigas sem a menor colaboração do nosso esforço artístico.

A junção de travejamentos de madeira e fundos de estuque presta-se aos mais lindos arranjos, que mais ricos se tornam com a introdução de pinturas ou de obra de talha; mas nunca devemos cair em extravagâncias de estrangeirismos ou no esquecimento da lógica, como acontece por exemplo nesses tectos modernos que vemos e em que sobre um fundo de estuque branco se espalha uma rede de serra-finhos sem a mínima ligação com os elementos construtivos.

Desde os raros tectos mudéjares que nos restam até às masseiras do século XVIII, temos abundantemente em que nos inspirar, quer simplifiquemos quer procuremos efeitos mais sumptuosos.

Tratámos acima de vários aspectos naquelas casas principais em que de ordinário mais longe se vai no caminho do feio e do absurdo; nas outras casas da habitação, ou por via duma decoração mal entendida, ou porque se julgue serem as normas da higiene incompatíveis com o belo, não raras vezes se falha também no tocante à beleza e à lógica.

Como já dissemos o que se nos oferecia com respeito a condições gerais comuns a todas as divisões duma casa, to-

caremos agora apenas nalguns pontos especiais de que ainda não fizemos menção.

As precauções citadas a propósito das salas de estar, e com relação à posição e número de portas e janelas, têm particular importância no caso dos quartos de dormir onde muitas vezes se não conta com uma conveniente arrumação dos leitos.

Se há divisão onde se não deve nunca fazer exposição de coisas inúteis é o quarto de cama, não só no que respeita ao mobiliário, mas também a toda a decoração. Nas paredes – qualquer forro que não seja finamente delineado e colorido com discrição poderá causar perturbações que incomodem quem por indisposição tenha de permanecer de cama. No entanto, num quarto de dormir é próprio que se queiram representar quaisquer imagens ou símbolos gratos à pessoa que o habita e pelos quais os quartos se individualizam e se nos tornam mais queridos, diferenciando-se dos quartos de hotel que servem de alojamento a toda a gente.

Quando não haja a felicidade de se possuir um jardim junto à casa, parece-nos que uma caixa com plantas floridas fora da larga janela, por onde de manhã deve entrar o sol, pode constituir a parte mais importante da decoração dum quarto de cama.

Nas casas de banho é lástima que não nos possamos mais vezes inspirar nas disposições características do Oriente, cuja tradição passaria por nos ter sido legada pelos árabes e cujos modelos abundam, tão perto de nós, na fronteira Africa marroquina. Mas essas lindas disposições, com tinas cavadas no pavimento ou na espessura das paredes, com seus revestimentos de miúdo azulejo e seus arcos ou abóbadas, implicam uma despesa considerável que não estaria em harmonia com a categoria de casas de que nos propusemos tratar. Seja dito contudo que o clima e o regalo que

uma instalação banhar devia representar para as pessoas civilizadas justificariam uma importância muito superior à que usualmente se dá a estes úteis e aprazíveis lugares.

Quanto a cozinhas, copas e instalações sanitárias, as exigências práticas aí são bastante positivas e obrigam a certas disposições de utilidade evidente a que se não deve fugir. Muito importante é aqui a questão da ventilação: basta lembrar a inconveniência de quando a única janela duma cozinha ou duma retrete é exposta a nortadas ininterruptas que impelem todos os cheiros, bons ou maus, para dentro da habitação; por isso é bom cuidar em especial deste importante ponto, adoptando, sempre que seja possível, janelas ou frestas com orientação variada para o arejamento de cada uma daquelas divisões, ou pelo menos provendo-as de outros meios adequados para a ventilação conveniente.

Também nunca se deve descuidar a disposição de qualquer escada.

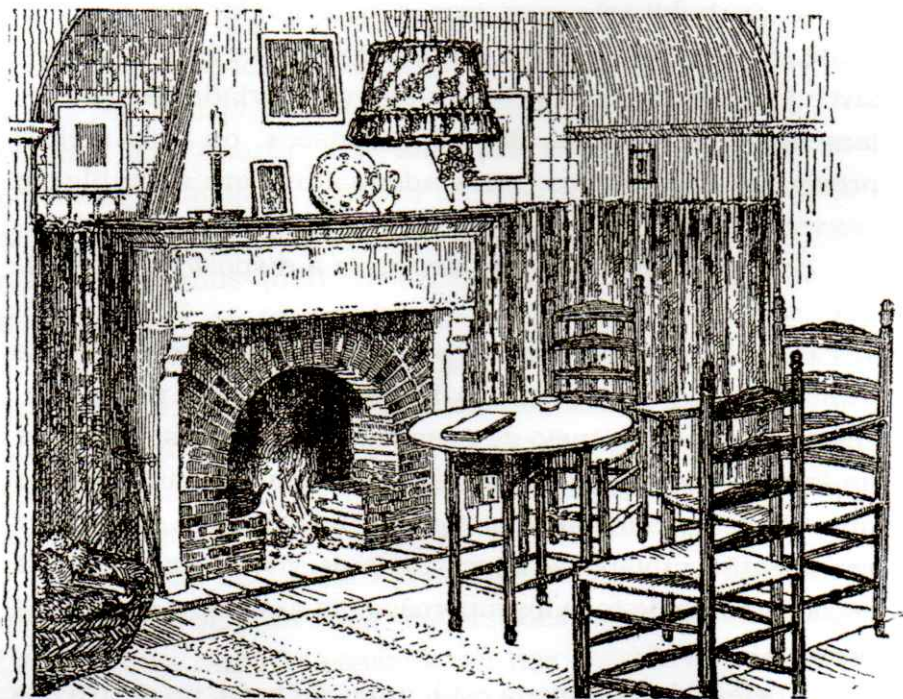
Quando algum curioso se mete a delinear a planta duma casa com mais dum pavimento, acontece muitas vezes esquecer-se do meio de comunicação entre os diferentes andares, e só mais tarde se faz a introdução duma escada que sai sempre aleijada ou quase impraticável. De outras vezes então procura-se maravilhar os visitantes com uma escadaria fora de toda a proporção com as salas a que ela dá acesso.

A beleza duma escada está, antes de tudo, no acerto das suas proporções. É inútil sobrecarregá-la de ornatos, é ridículo guarnecê-la duma balaustrada rica, se a relação entre a sua área e o tamanho das salas, a proporção dos degraus, a medida dos seus lanços e a altura dos pés-direitos, não forem coisas devidamente estudadas.

Percorridas assim sumariamente as partes principais da

construção, alguma coisa devíamos dizer sobre o mobiliário; os limites deste trabalho porém não permitem que façamos mais do que tocar fugitivamente no assunto.

As leis que se devem respeitar na construção de casas são na essência as mesmas que determinam o carácter e a forma do mobiliário, havendo aqui necessariamente menor obrigatoriedade de respeitar tradições. No entanto é sempre muito interessante quando se conciliam, sem esforço, hábitos modernos com formas que reflectem uma tradição.



Está muito em voga nas nossas casas a adopção de mobiliárias antigas autênticas, ainda quando não sejam herdadas. Este facto, apesar do aspecto de mania que em alguns casos possa ter, não deixa de se justificar plenamente se pensarmos que podemos adquirir – por exemplo – uma be-

líssima cadeira do século XVIII, lindamente desenhada, de boa e rija madeira, solidamente construída e entalhada com habilidade e visível prazer por parte do marceneiro ou entalhador que a fez – que a podemos adquirir, dizíamos – por um preço às vezes inferior ao que teríamos de dar por uma cadeira nova, produto fabril descuidado, sem beleza nas linhas, muitas vezes sem comodidade alguma, mas provido de qualquer ornamentação feita à máquina, e não evidenciando outra preocupação por parte de quem a gerou senão a da exploração lucrativa.

Enquanto assim suceder não espanta que se continue a preferir o mobiliário antigo, pois nem todos têm ao seu alcance os meios de obter um mobiliário novo e interessante quanto à forma e perfeito na sua construção. Mas quem estiver nessas felizes condições não deve renunciar ao grande prazer de procurar para a sua habitação novos aspectos que não se confundam com os das casas de outrem, achando formas inéditas ou combinações originais sempre adequadas às circunstâncias, não caindo no que for extravagante, mas permitindo que se revele aquele sentimento espontâneo, de forma e de cor, que não necessita das interpretações históricas para se manifestar com entusiasmo.

Depois do que temos dito compreender-se-ão as razões por que condenaríamos quase todas as dispendiosas obras de estofador-decorador, todos os arrebiques inúteis dos mobiliários modernos mais vulgares – os seus ornatos escusados, as suas ferragens de folhinha cunhada, os seus vidros de cor e espelinhos biselados – toda a falsidade dos arranjos cheios de pretensão em salas de visitas onde há almofadas de cetim com pinturas, cavaletes guarnecidos de bambinelas de pelúcia como suportes de retratos a esfuminho, flores de pano, bancos em forma de cogumelo, espelhos monstros e outras misérias caras –, assim como certas guar-

nições nas salas de jantar *vieux-chêne*, ou estilo Henrique II, com o seu ar solene sem seriedade e a sua pompa sem nobreza.

Não nos compete entrar aqui na pormenorização deste interessante assunto, assim como também não nos poderemos alongar em considerações sobre um outro complemento, não menos importante, da casa de habitação – o seu jardim.

O desprezo geral que entre nós se observa pelos jardins não é infelizmente compensado, como se poderia supor, por um exagerado cuidado no arranjo interior das casas. Ou seja por temperamento ou por efeitos de educação, a maioria dos nossos cidadãos ainda prefere a palestra na botica – ou à esquina – aos prazeres do convívio caseiro. Por seu lado as senhoras parecem conformar-se com esta circunstância, enquanto as crianças lá vão medrando conforme podem entre rigores e frioleiras e sem chegarem a conhecer um certo e doce conforto de ninho que emana sempre dos lares bem constituídos.

A quem souber escutar o que as plantas e flores nos têm que dizer, qualquer pedaço de terreno bem ajardinado fornecerá a melhor consolação após o contacto diário com a tão humana imperfeição do nosso semelhante.

Mas aqui também seria preciso irmos buscar aos antigos jardins a sua poesia perdida, se não nos quisermos contentar com a parca fantasia da maioria dos nossos jardineiros actuais. É que hoje deu-se em desprezar tudo aquilo em que consistia o encanto dos jardins de outros tempos. Uma placa de relva com uma palmeira ao meio e uma roseira de cada lado é o tema adoptado – com algumas variações – em quase todos os jardins modernos. Uma ligação formal ao estilo da casa é coisa que se não procura. A disposição do jardim fica entregue a qualquer jardineiro, que depressa es-

gota as suas faculdades de invenção no delinear de algumas placas e ruas curvadas ao acaso. O jardim moderno não nos oferece, como o antigo, surpresas a cada passo; nele não se encontram pavilhões, caramanchões, alegretes, fontes embrechadas, tanquinhos e bancos forrados de azulejo, latadas e outras galantarias; as suas perspectivas não se sujeitam às principais janelas da casa, nem as suas ruas alguma vez seriam capazes de se desviar da linha recta por respeito a uma velha árvore; o jardim moderno parece ser todo inspirado na Obra Pública; é todo alinhamentos e terraplenagens, ruas calçadas com valetas e sargetas, bancos de ferro fundido, torneiras de latão ... até postes de iluminação e letreiros de chapa esmaltada às vezes têm!

E as vedações da propriedade, não é também muito simples o meio de as tornar atraentes? Tem-se bramado muito, e creio que impensadamente, contra os muros altos que vedam os antigos jardins e quintas da nossa terra, mas a verdade é que os jardins apenas gradeados (a não serem os muito extensos) não podem bem servir de recreio aos seus moradores. O nosso clima é bastantemente ventoso e as nossas estradas e ruas suficientemente poeirentas para que tenha justificação o ar de clausura de certas vedações. Acresce a isto a circunstância de que infelizmente não nos podemos fiar sempre na discrição dos transeuntes por receio que não vão eles, por falta de parede em que riscar, traduzir para o verbo a concepção favorita das suas imagens gráficas... pouco decorativas. Os muros altos também têm o seu encanto, e não pouco. Além dos belos portões, dos graciosos pavilhões de ângulo e coroamentos decorativos a que dão lugar, que interesse não despertam essas janelas gradeadas que se abrem aqui e além nos muros dos antigos jardins, desvendando-nos trechos de pequenos paraísos terrestres e enchendo-nos de curiosidade pelo que não logramos ver?

São estas janelas uma feição das mais características dos nossos jardins dos bons tempos e por elas – que ocasionalmente se abrem ou se fecham – podemos conciliar o indispensável isolamento a que somos obrigados com a eventual necessidade de comunicar com o mundo exterior.

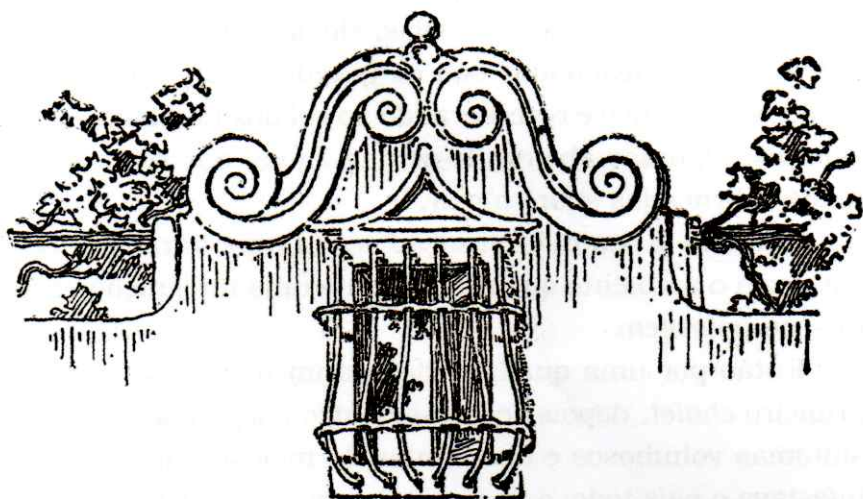
É claro que uma faixa ajardinada estreita, junto à casa, não pode sempre ser vedada por um muro alto, o que às vezes prejudicaria ou o aspecto da casa ou a vista das suas janelas. Mas há muitas maneiras interessantes de construir vedações menos fechadas; além dos gradeamentos de madeira ou de ferro, há os muros arrendados de tijolo, processo que se empregou muito no sul do país e do qual se tiram variados e belos efeitos caracteristicamente portugueses. Neste trabalho entendemos que toda a parte arrendada deve ser caiada, para igualar o resto da construção, com o que ganha aspecto de maior coerência e solidez; aqui o tijolo vermelho interrompido pela multiplicidade de juntas dá uma impressão de fraca estabilidade, que não deixa contudo de ter o seu encanto em resguardos ou anteparos a dentro do jardim que não estejam em contacto com os lugares públicos.

As grades de madeira são muito pitorescas, mas de rápida deterioração, se não estiverem sempre a ser pintadas – o que além da despesa que representa é também prejudicial às trepadeiras que porventura aí haja.

Em gradeamentos de ferro, devem-se evitar os ornatos fundidos, segundo o princípio que mais acima defendemos; pelo menos devem-se reduzir a um mínimo muito discreto. O ferro forjado e a serralharia artística são coisas muito nobres mas, entre nós, muito mal compreendidas, porque se teima em ignorar a qualidade mais interessante que na forja o ferro tem – a sua plasticidade. Nós vemos frequentemente em obras dispendiosas, quando se procuram obter efeitos ricos, como o ferro é tratado – são barras e barrinhas que se

dobram, curvam, juntam, que se ligam e interceptam –, mas o que raras vezes vemos é a modelação a martelo como ainda em Coimbra alguns serralheiros, educados por António Augusto Gonçalves, a sabem praticar, e onde em cada malhada se patenteia a habilidade do artífice e o gosto e a graça com que trabalha.

Uma linda vedação, nos sítios onde for aplicável é a dos muros vivos de verdura, que podem sempre ocultar discretamente uma vedação mais efectiva de arame farpado. Não



discordamos, tampouco, do emprego de cimento armado para postes de vedação, contanto que se faça uso de formas absolutamente simples e adequadas ao material, sem que haja a pretensão de imitar pedra ou madeira e dando lugar a que plantas trepadeiras ou outras verduras possam desfazer a monotonia de aspecto, característica daquele material.

Portugal é um país pequeno mas rico de aspectos. As ásperas serranias de Trás-os-Montes têm grandeza alpestre; o Minho é uma veiga úbere regorgitando de tenras verduras;

as Beiras reúnem num conjunto maravilhoso os caracteres daquelas duas províncias; o centro do país, sem ter a sedução triunfante das províncias do norte, é cheio de trechos surpreendentes e de tal diversidade que parecem o resultado caprichoso de toas as combinações possíveis de muitos climas; mais para o sul sopram já ventos da África e para além do Tejo ainda paira o rasto dos árabes; enfim, o extenso litoral é uma cinta irisada que enfaixa todas as terras do pequeno continente.

Nesta bela paisagem espalhavam-se as construções ou aglomeravam-se em cidades, vilas, aldeias; ora alcandoradas nas serras ou agachadas sob os grandes castanheiros, ora vestidas de branco e reverberando ao sol dos montados e dos estevais; algumas abeirando-se das águas dos rios, outras todas debruçadas sobre o mar.

Em toda a sua diferenciação se via uma harmonia perfeita com o ambiente que as cercava – uma integração absoluta na paisagem.

Então por uma quadra aziaga dum mau ano, surgiu o primeiro *chalet*, depois seguiu-se outro e logo mais outros – sintomas volumosos e obcecantes da moléstia que já então infestava o país todo: a desnacionalização. Dentro em pouco chegava-se ao extremo de parecerem representar aquelas construções híbridas o verdadeiro tipo de casa do Portugal moderno; e agora que os bons processos tradicionais da construção caíam em desuso, se alguém se aventurava a tentar a sua restauração era logo acusado de querer dar nas vistas com a tafulice duma obra que se desviava do padrão consagrado.

Mas o exemplo duma casa feita “à antiga portuguesa” pegou, e a pouco e pouco vamos encontrando por todos lados o propósito de se volver ao bom caminho.

Copiam-se modelos antigos com maior ou menor com-

preensão do seu carácter; e se por enquanto ainda abundam as tentativas ingénuas, mas piegas e sem a necessária apreensão da índole nacional – é fora de dúvida que o movimento alastra, estando reservada aos mais fortes a dianteira numa evolução que se tem de operar, baseada com salidez num embevecimento da nossa arte antiga e sustentada fecundamente pelo grande nervo que só o talento pode conferir.

EXEMPLOS



CASA SUBURBANA NO MINHO

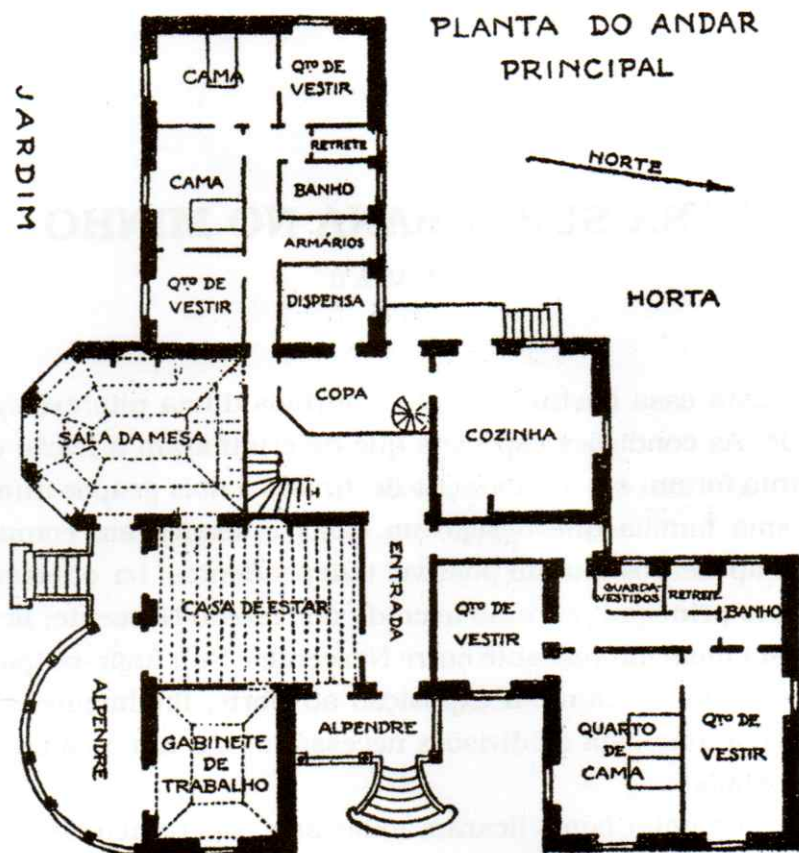
ESTAMPA II

Esta casa destina-se aos subúrbios duma pitoresca cidade. As condições especiais que determinaram a feição da planta foram: ser a habitação destinada a dois grupos duma mesma família que desejavam salas e serviço em comum mas aposentos quanto possível independentes; ter o terreno acesso principal por uma avenida do lado do Nascente; ficar a vista mais interessante entre Nascente e Sul; fugir-se, para os quartos de cama, à exposição ao Norte; finalmente, sujeição a uma lista de divisões necessárias e a um orçamento aproximado.

É de notar como ficaram todas as casas principais viradas ao Nascente e ao Sul. Um amplo alpendre serve de desafogo à casa de estar e ao gabinete de trabalho – casas cuja iluminação não será deficiente devido a terem também janelas com luz directa. Na sua disposição semicircular o alpendre abrange, no panorama que daquele sítio se disfruta, o sector mais interessante do horizonte.

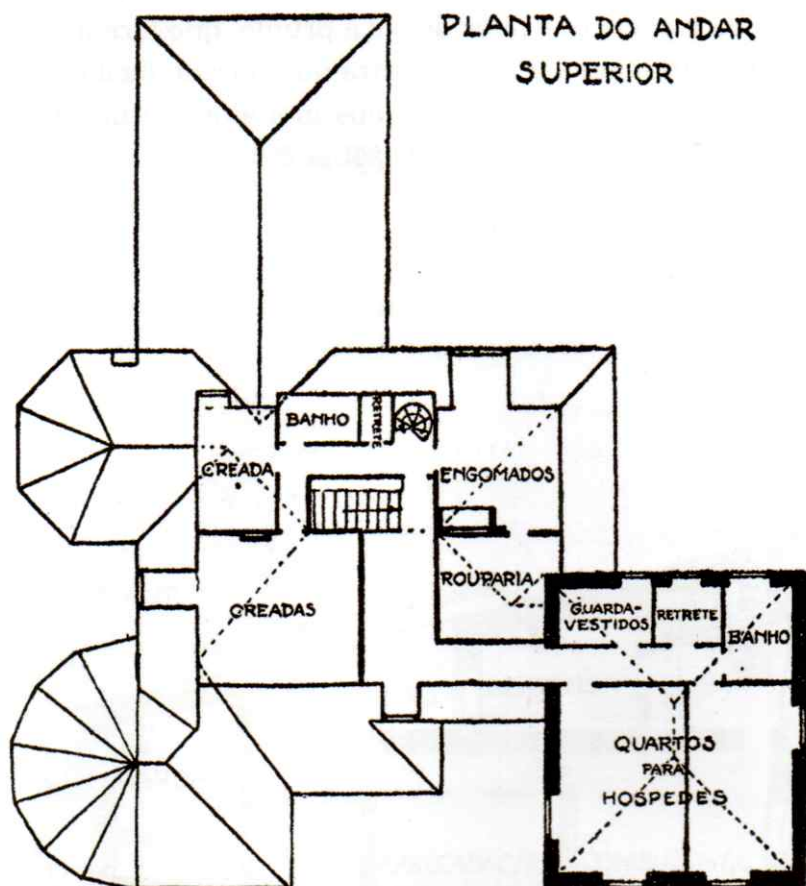
Um outro alpendre, de dimensões mais resumidas, abriga a entrada principal.

À cozinha, situada na parte mais oculta da construção, fica assegurado o seu isolamento conveniente, sendo feita a passagem dali para a sala da mesa através da copa.



O aproveitamento do espaço ocupado por uma construção não é só relativo à área incluída pelas suas paredes exteriores, é também respeitante à capacidade do desvio da cobertura. Sob a parte mais elevada do telhado desta casa alojam-se os quartos para criadas e serviços de rouparia, parte esta que no seu conjunto fica independente do resto da habitação.

Coroa a edificação uma clarabóia cuja aparência, não prejudica a sua estética. Em geral são pouco interessantes – muitas vezes são hediondas – as clarabóias que se vêem nas construções de há meio século para cá, enquanto que anteriormente tinham sempre um certo ar decorativo.



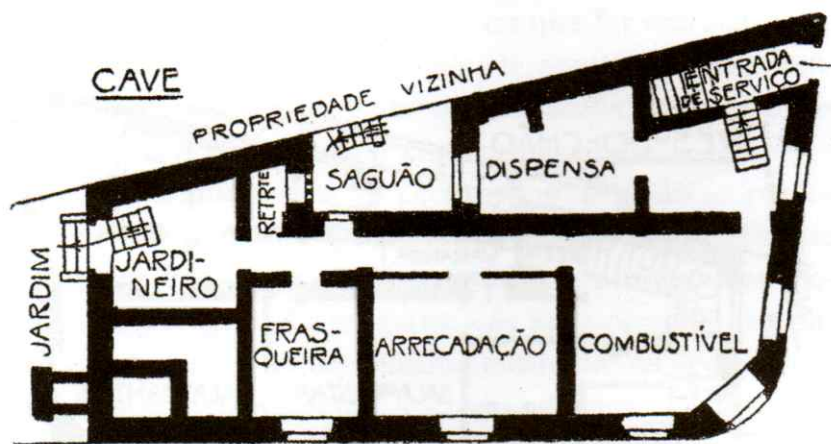
No nosso clima são suficientes em geral os lanternins envidraçados apenas dos lados e cobertos por cima com telha: dão luz bastante para o que é preciso; mas mesmo quando, por exemplo, para iluminar uma escada de muitos andares é necessária uma entrada mais franca de luz, há

maneira de a fazer sem se cair nas frágeis gaiolas de vidro que ora se encontram com frequência e que nada contribuem para a beleza de aspecto de qualquer construção.

Sempre que se possa, deve-se preferir a disposição dum lanternim coberto com telha. Dá lugar a um desenvolvimento mais robusto e mais próprio duma casa de habitação; evita a incidência dos raios de sol a prumo, que fazem elevar extraordinariamente a temperatura duma casa; facilita a vedação da água pluvial e poupa aos moradores o quezilento ruído da chuva caindo a direito sobre os vidros.

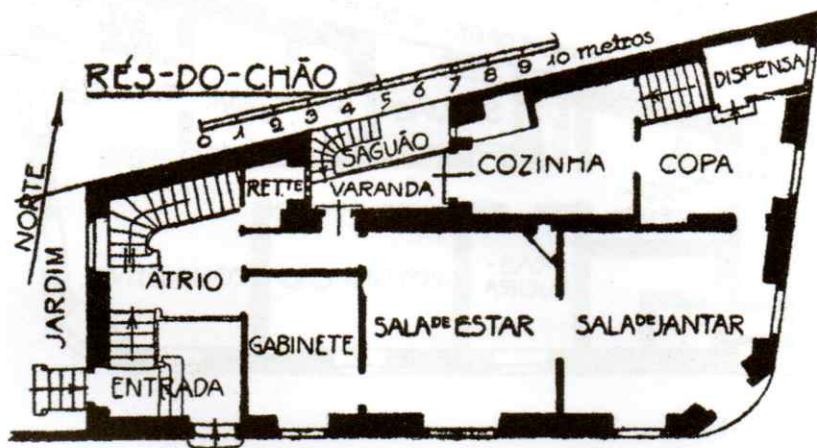
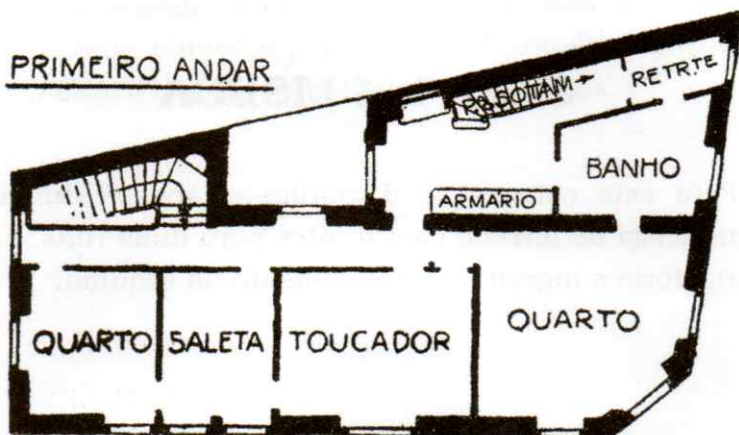
CASA EM LISBOA

Para esta construção dispunha-se apenas duma pequena nesga de terreno com frentes para duas ruas, e com o obrigatório e ingrato arredondamento da esquina.



Abriu-se um pequeno saguão para a conveniente iluminação da parte da casa que encosta ao prédio vizinho. A cozinha recebe exclusivamente luz deste saguão, mas a copa, que pertence também ao domínio das criadas, tem janela para a rua.

PRIMEIRO ANDAR



Esta circunstância tem um interesse psicológico especial. Este contacto fácil com o exterior tem muita importância para a boa disposição das criadas e evita que elas precisem de recorrer às janelas das salas ou dos aposentos dos patrões para irem ver quem passa na rua.

Quem reconheça ao pessoal doméstico a legitimidade desta sua distracção predilecta, mostra ter uma ideia justa das necessidades relativas dos habitantes duma casa, e a patroa que insista numa disposição como a que acabamos de frisar será pelo menos uma pessoa dotada de muito bom senso.

No sótão desta casa há arrecadações e os quartos de dormir e de banho das criadas.

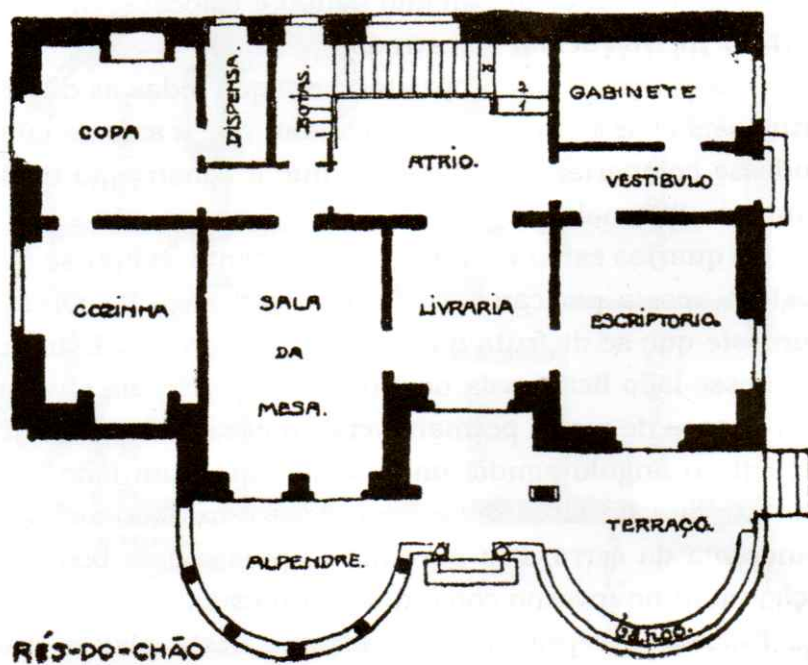
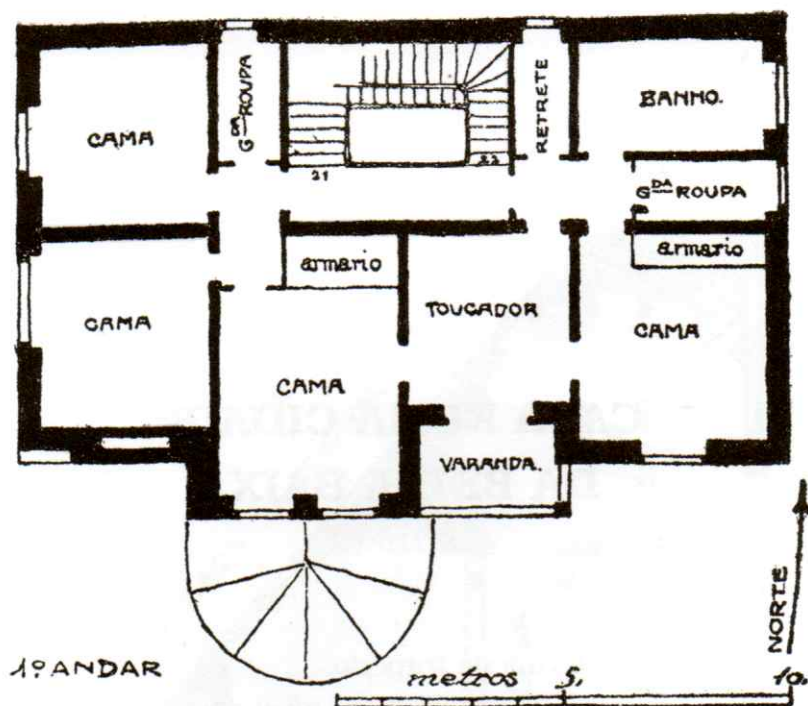
PLANTA DUMA PEQUENA CASA DE CAMPO

É para notar como na parede virada ao Norte se evitaram as grandes aberturas. O local a que o projecto se destinava é fustigadíssimo pelas nortadas. A vista interessante, sobre o mar, fica do lado do Sul.

Para este lado a cozinha não tem janela, para que a parte mais importante do jardim não seja devassada.

A chaminé saliente exteriormente não obedece apenas a um fim decorativo, tem também a vantagem de permitir no primeiro andar que uma forte parede separe a fuga – por onde se escoa todo o calor da cozinha – do ambiente do quarto de cama a sudoeste, que sem esta precaução ficaria sobre maneira quente.

Junto à sala de jantar há um amplo alpendre que permite o estabelecer-se aí mesmo a mesa ao ar livre durante a quadra mais quente. Sobre o outro terraço em semi-círculo construir-se-ia uma parreira. Não há toldo que iguale em beleza uma latada coberta por videiras, que depois de nos deliciarem nas diferentes fases com a sua sombra, seus frutos e matizes, se despem completamente para deixar passar o apetecível sol de inverno.



CASA NUMA CIDADE DA BEIRA BAIXA

ESTAMPA III

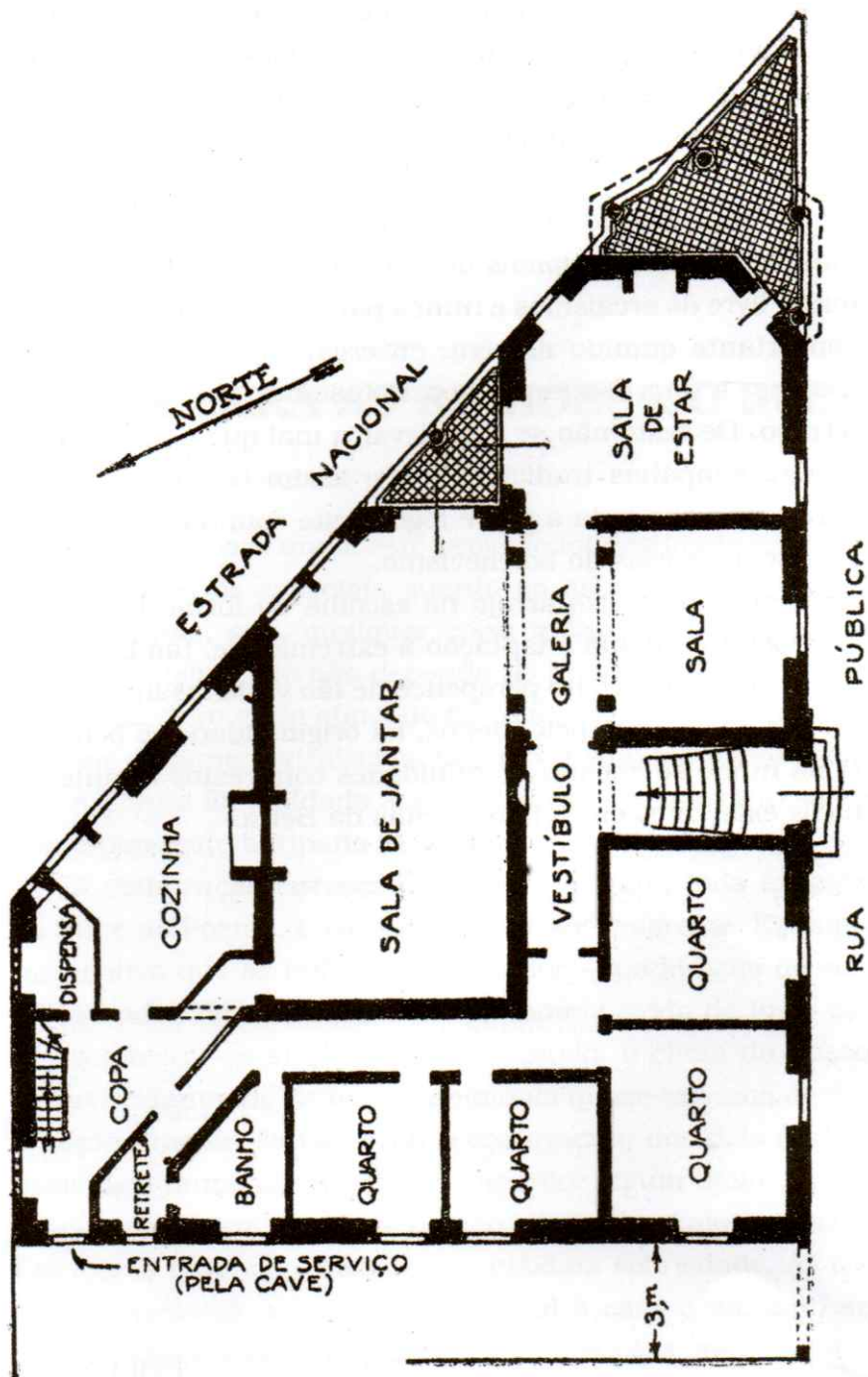
Terreno, em forma de trapézio.

Duas frentes – a principal em nível com a rua, a outra formando com esta um ângulo agudo e colocada em plataforma 7 metros acima da estrada.

Desejo especial do proprietário era que todas as divisões principais ficassem num mesmo andar, que a sala de jantar pudesse comportar 30 convivas e que a construção tivesse cunho tradicional.

Os quartos estão virados ao Sul e Poente; evitou-se a exposição oposta por causa dos ventos agrestes. É, porém, a Nordeste que se disfruta o panorama da Serra da Estrela, e para esse lado fica a sala de jantar. O ponto mais favorável para a casa de maior permanência – a casa de estar – é justamente o ângulo agudo, onde se apanha dum lado o Sul durante quase todo o dia e onde pelo outro lado se goza o panorama da serra; fica portanto esta casa com boa exposição tanto no inverno como durante o estio.

Dificuldades principais no arranjo desta planta eram:



utilização do ângulo agudo – ponto favorecido do trapézio; – bom aproveitamento de toda a área para o número e tamanho de divisões que se exigiam, e disposição conveniente de corpos que dessem em resultado uma cobertura harmoniosa.

No seu aspecto exterior, a construção prende-se às últimas edificações nacionais que ainda tinham certo carácter, mas é livre de arcaísmos e nunca parecerá anacronismo desconcertante quando alguém, envergando trajes modernos, assomar a uma das janelas ou se instalar sob o alpendre do terraço. De resto não se pode levar a mal que o proprietário mostre simpatias tradicionalistas; assim como não se poderá exigir que toda a gente logo aceite com o mesmo entusiasmo as teorias do bolchevismo.

Houve um certo arrojo na escolha da forma hexagonal do alpendre na sua adaptação à extremidade, também poligonal, da sala; o efeito perspético de tão variadas linhas deve ser picante e aqui, pelo menos, há originalidade se bem que lá no fundo se encontrem afinidades com restos architectónicos existentes em velhos jardins da Beira.

CASA PARA AS REGIÕES DO SUL

A pessoa para quem este projecto foi destinado não manifestou desejos especiais quanto ao aspecto das suas fachadas. Quis, sim, qualquer coisa muito simples, e ainda que a sua felicidade não dependa no presente caso da exteriorização dum culto afincado de tradições, nunca a poderia seduzir qualquer extravagância ou exotismo falho de lógica.

A planta foi moldada à sua declarada paixão pelo sol, e correspondente antipatia pelo frio.

A construção enrosca-se, como um gato, toda exposta ao Sul e ao Poente, e volta costas ao Norte agreste. Eis aqui um motivo que se reflectiu no exterior – a adoração do sol. As fachadas ficaram com uma fisionomia ávida de luz – estilo soalheiro – e sugerem dalgum modo, o clima do nosso Algarve. Mantendo-se uma parcimónia quase extrema de decoração, apenas se valorizou o coroamento dos dois corpos principais numa cornija em que aparece algum tijolo. As varandas abrem-se francamente ao afago dos raios solares. Em todo o resto da construção a máxima sobriedade. As rótulas imprimem um carácter especial à casa e até aqui se nota o culto do sol. – Persianas tapam os vãos em absoluto;

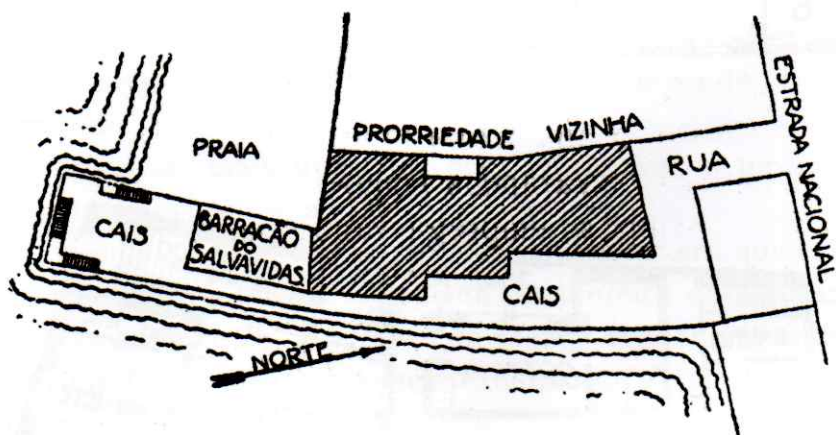
outrotanto não sucede com as rótulas que, não excluindo por completo a entrada do sol, constituem um crivo luminoso mais áacre. – Com a divisão dos vãos no sentido da altura obtem-se, além da melhor regularização da luz, a vantagem de se poder vedar da maneira mais conveniente nas janelas do rés-do-chão a vista dos indiscretos que passem na estrada, visto esta ficar um tanto elevada acima do jardim.

Seja dito ainda que tanto nos dinteis e pavimentos das varandas como no grande balanço da cornija se emprega vantajosamente o betão armado.

A cobertura é caiada – como a maneira mais simples de destruir a cor antipática da nova telha *lusa*, e por assim se harmonizar com o género da construção.

PLANTA DUMA CASA NO ESTUÁRIO DO TEJO

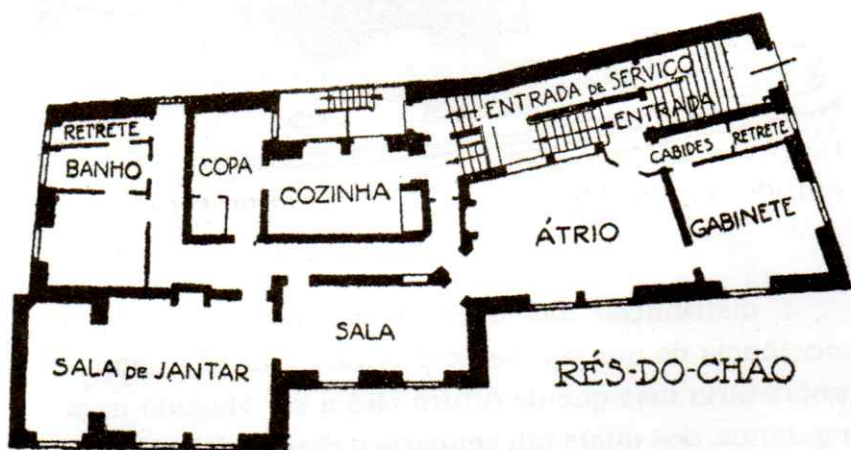
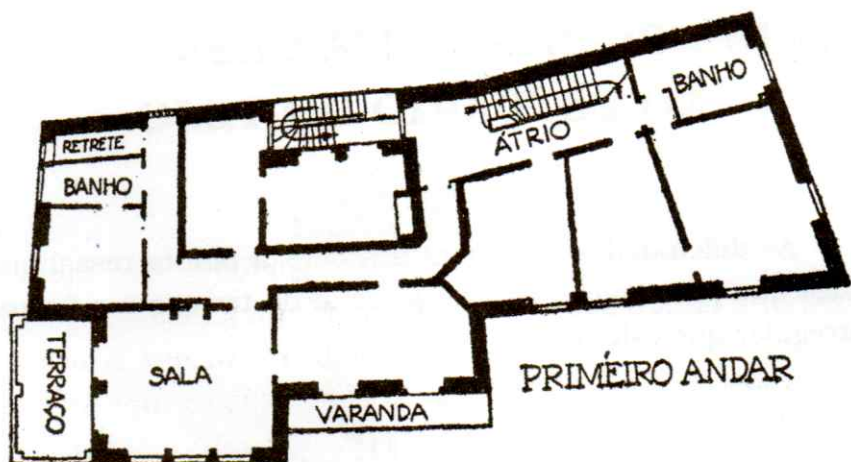
As dificuldades na organização desta planta ressaltam logo que se examine a situação geral do terreno e a forma irregular que este tem.



A distribuição das diferentes divisões obedece à circunstância de que a casa se destina desde já a moradia do proprietário mas que de futuro virá a ser alugada para dois inquilinos, dos quais um ocuparia o rés-do-chão e a cave (in-

ferior ao cais mas ao nível da praia), e o outro ficaria com o primeiro andar e o sótão.

Quando chegar este termo empreender-se-ão umas pequenas modificações tais como: tapamento, dos arcos entre a escada principal e o átrio; divisão da actual sala em dois quartos, no rés-do-chão; introdução de portas de escada nos dois andares, etc.



CASA NOS ARREDORES DE LISBOA

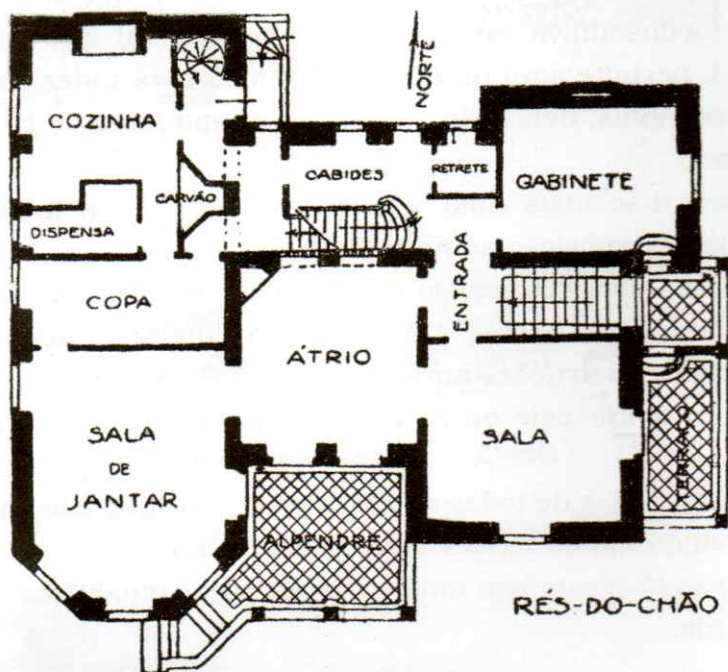
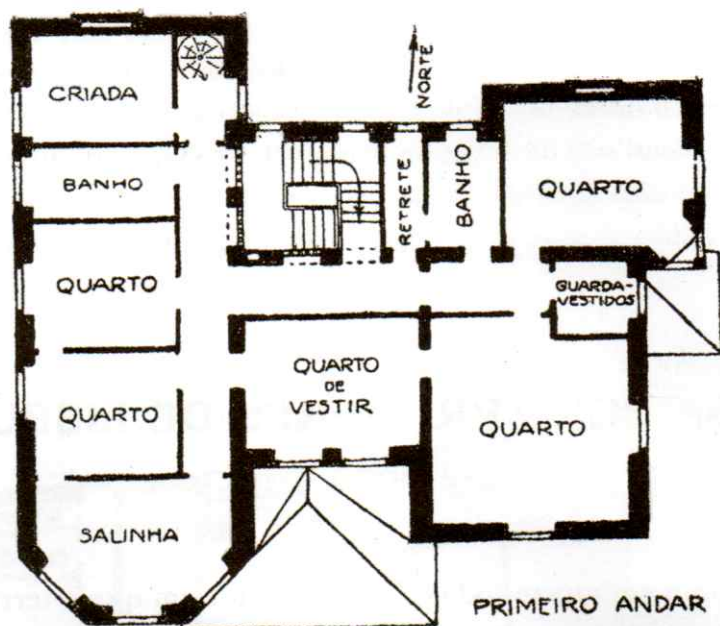
ESTAMPAS V E VI

Como em quase todas as localidades em que o terreno é caro, o talhão a que esta casa se destinava era estreito de frente para o lado da rua. Esta circunstância obrigou à disposição alongada da planta. Felizmente que a orientação aconselhava uma longa fachada lateral que virada ao Sul, permite aqui uma boa exposição para todas as casas principais, deixando à sua frente uma faixa de jardim abrigado.

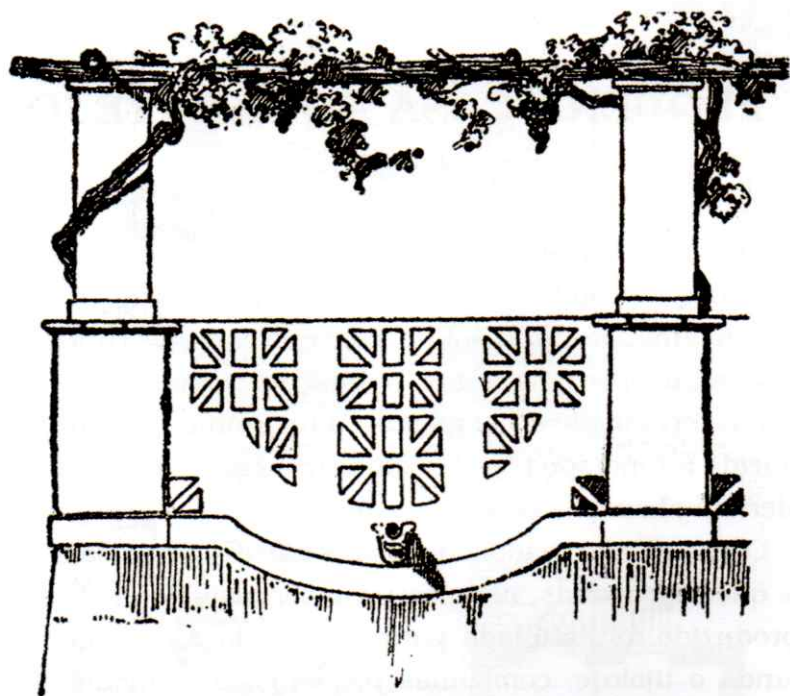
Evitou-se mais uma vez, quanto possível, a inconveniência da exposição ao norte.

Desejo do proprietário quanto ao interior era que esta casa de campo tivesse o aspecto prazenteiro de algumas graciosas construções antigas da região, sem se pretender contudo imitar este ou aquele exemplo de estilo determinado.

Das janelas de todas as casas principais disfruta-se um belo panorama de terra e mar. O quarto no primeiro andar virado ao Nordeste tem uma janela de canto que busca o sol até tarde.



Na cave há ainda um quarto para hóspedes com suas comodidades em completa independência, quartos para criadas, etc., não faltando um banho para as ditas, casa que não devia faltar em todas as moradias de certa ordem.



PEQUENA CASA NO ALENTEJO

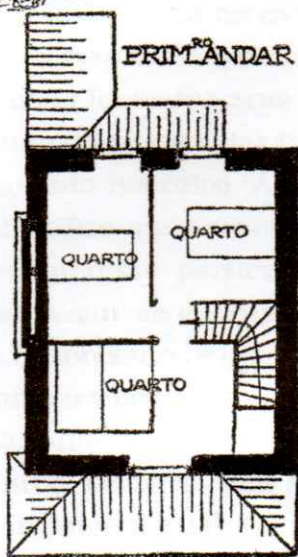
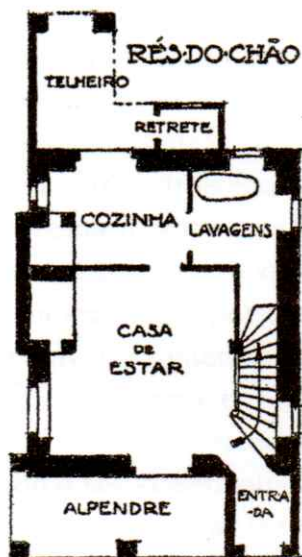
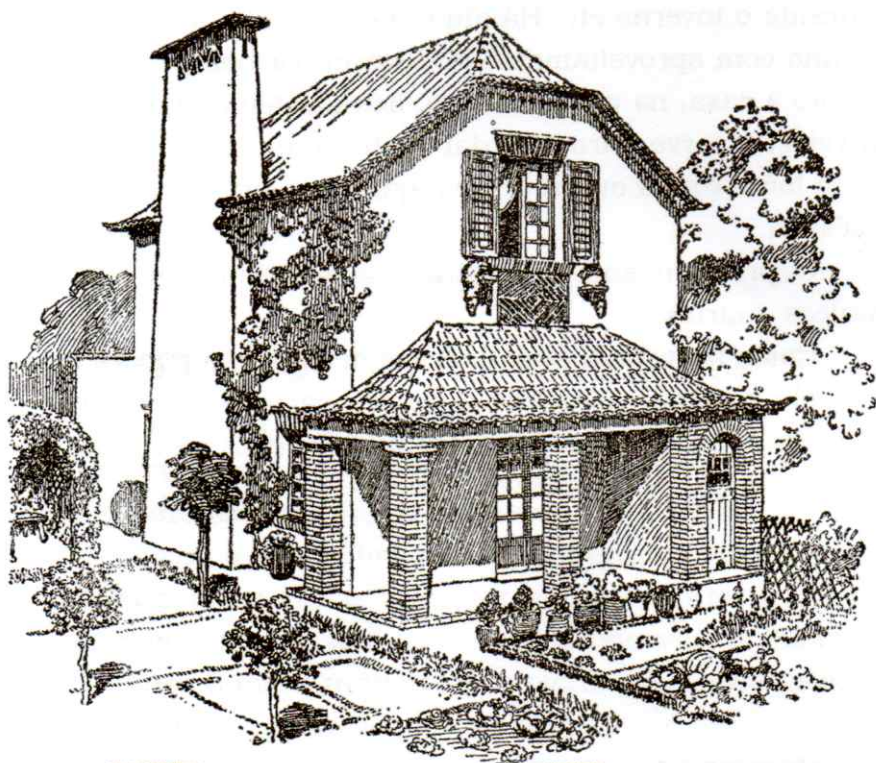
Esta construção pertence a uma certa categoria de casas de que já veio reproduzido um exemplo a pág. 45.

Sem uma razão absoluta convencionou-se rubricar de *casas para operários* estas habitações delineadas com a máxima economia e compostas dum número de divisões, reduzido ao indispensável. Com a mesma ou mais razão se poderiam chamar – casas para filósofos.

O que está provado é que estas casas, quer sejam isoladas quer agrupadas, não precisam ser feias. O modelo aqui reproduzido foi estudado para regiões do Alentejo em que abunda o tijolo e, com umas pequeníssimas modificações, prestava-se a ser ampliado em grupo de duas habitações conjugadas.

Indispensável é a cerca, ajardinada ou simplesmente cultivada com gosto em horta. O mesmo modelo transposto para qualquer rua sem verdura ou colocado num terreiro árido perderia toda a graça.

No piso térreo da habitação e dando para o alpendre fica a principal divisão – a casa de estar com a sua lareira. A seguir a esta, uma outra casa, mais pequena é destinada aos



serviços de cozinha menos limpos, à lavagem da roupa durante o inverno etc. Há ainda no rés-do-chão a casita de banho com aproveitamento do desvão por baixo da escada. Junto à casa, na parte traseira, fica um telheiro que abriga a retrete, serve para guardar lenha, e onde se pode também lavar roupa ou proceder a qualquer outro trabalho doméstico.

O primeiro andar é completamente ocupado por três únicos quartos.

Como ficou dito, este modelo é destinado a regiões onde o tijolo abunda. Adaptado a outras partes, o seu aspecto exterior teria também de sofrer modificações em harmonia com as diferentes condições locais.

APÊNDICE

Não é nossa pretensão historiar aqui a evolução da architectura moderna. Serve o seguinte rápido bosquejo apenas para lembrar em que situação actualmente nos encontramos naquela nobre arte que, segundo Ruskin, é a primeira entre todas as belas-artistas e entre cujas leis fundamentais Vicente d'Indy encontra elementos básicos duma outra e mais sublime architectura – a architectura dos sons.

As investigações arqueológicas que até há cerca de um século tinham sido dominadas pela ideia do classicismo, limitando-se apenas à exploração das chamadas eras clássicas da architectura, entraram então de se espraiair também por todas as outras épocas do passado histórico. A tendência do romantismo e o espírito científico que caracterizou o século XIX fizeram despertar um interesse particular pela arte medieval e, depois, por todas as outras épocas que até ali se haviam sistematicamente desprezado, e não tardou que ao classicismo, em que já houvera veleidades egípcias e assirizantes, se sucedesse na architectura o romantismo em todo o seu desenvolvimento. Surgiram as escolas neo-gótica e neo-românica; Ruskin na Inglaterra e Lübke na Alemanha, ambos pelo meado do século XIX, preconizavam o

estilo gótico na arquitectura. Em França, Viollet-le-Duc operava restaurações, as mais arrojadas, desatendendo a palavra profunda que um grande poeta lançara havia já mais de meio século:

“..... Isto que vós outros
“apelidais o espírito de um século,
“é simplesmente o vosso próprio espírito”⁽¹⁾

Começou-se depois a explorar a renascença italiana e a breve trecho, enquanto nas academias a arte clássica continuava sempre ditando os seus cânones, cá fora não havia estilo arquitectónico que não fosse julgado digno de ser estudado. A cada passo apareciam monografias com levantamentos minuciosos acompanhados de copioso texto. Nunca houvera um conhecimento tão completo dos estilos históricos; todos os monumentos se classificavam rigorosamente com perfeita compreensão das múltiplas fases por que cada estilo passava, sujeito às influências da tradição, do ambiente ou da individualidade dos artistas criadores. Dir-se-ia que a Providência ordenava a colecção universal dos elementos da arquitectura na vastíssima arca de Noé duma literatura especial e esgotante, prevendo o dilúvio esterilizador que visitaria a Europa durante umas dezenas de anos. Os architectos já se não limitavam a uma escola, construíam *em todos os estilos*; era como se tivessem esquecido a lingua materna, tornaram-se políglotas e o que eles ga-

⁽¹⁾ Goethe.

nhavam em maleabilidade no manusear das formas consumadas, perdiam por outro lado em espontaneidade do sentimento criador. Aos poetas-arquitectos sucediam os filólogos da architectura.

Se durante estes períodos a Inglaterra manteve sempre uma linha mais ponderada através da sua lenta evolução, e se a França foi cristalizando pouco a pouco na reprodução dos seus estilos mais característicos, — a Alemanha dos anos 1870-1890 foi uma verdadeira Babel; todos os estilos eram então interpretados com muito mais gramática do que inspiração; e em todo este tatear hesitante por entre a obra de épocas passadas nunca se originou o germen dum novo estilo solidamente fundamentado e com possibilidades de desenvolvimento.

Foi preciso que se esquadrinhassem bem todos os moldes dos estilos históricos, reduzindo a fórmulas mais ou menos artificialmente combinadas o que noutras épocas fora a expressão fluente dos artistas criadores e reproduzindo até ao aborrecimento estas combinações assim estereotipadas, para se chegar àquela saciedade que necessariamente havia de provocar uma forte reacção.

Efectivamente architectos e decoradores, vendo a estagnação a que os seus esforços conduziam e cansados de exteriorizar o seu sentir exclusivamente numa expressão passada, voltavam-se apelando para a Natureza que nos rodeia e de que já tão afastados andavam, ansiosos por readquirir aquela sinceridade e espontaneidade da linguagem plástica de outros tempos.

O movimento nas artes, perfeitamente revolucionário e de curta duração que desabrochou no último decénio do século XIX, hauria a sua vitalidade por raízes demasiadamente profundas para que lhe não fosse dada uma boa frutificação antes que se extinguisse. O chamado Prerafaelismo em In-

glatterra pode-se considerar como o início desta salutar reacção, a que a obra dos Impressionistas franceses emprestou a sua magnífica tempera sensorial.

Esta tendência revolucionária devia logicamente intensificar-se num país em que por um lado as tradições menos pejan-tes fossem, por outro lado onde maior tivesse sido a orgia das imitações. Assim foi que em Munique se desenvolveram aquelas produções artísticas que em breve eram etiquetadas de “estilo Juventude”, nome tirado dum semanário em que os mais activos propagandistas do movimento colaboravam.

Mas por entre toda a estúrdia desta obra inflamada dos revolucionários de Munique, dois sintomas apareciam com insistência que garantiam a proficuidade de futuros resultados: um amor estrénuo da Natureza e a admiração pelos grandes de todos os tempos. Na sua essência, sob o ponto de vista puramente architectónico e abstraindo dos aspectos variados a que as circunstâncias especiais de época e ambiente obrigam, tudo isto não foi mais que uma nova manifestação do espírito que, à falta de melhor denominação, se pode chamar gótico, antitético do classicismo.

Curta duração, como dissemos, teve no centro da Europa esta fase – “estilo Juventude” – da nova arte. Em breve se perdiam as últimas obras deste estilo de linhas flexuosas e indisciplinadas, como folhas exangues e inúteis que as árvores soltam ao findar o Outono.

No entanto, da exposição universal de Paris em 1900 se dizia que fora uma consagração da moderna arte decorativa. Afirmção prematura e enganosa. A Europa das velhas civilizações engrinaldava-se com uma folhagem fresca, sim, mas separada do pé por onde corria a seiva que a alimentara, e os próprios palácios daquela exposição – feitos de lona e de pasta – teriam sobrevivido ao emurhecer de tão forçados elementos de decoração.

Parece que à Bélgica estava reservado o tirar as últimas consequências deste estilo, que entre nós ficou conhecido pelo nome de Arte Nova e no qual querem que haja condições especiais de adaptação a construções de ferro ou cimento.

Mas as artes decorativas, e atrás delas a arquitectura, prosseguiram rapidamente na Europa central a sua nova carreira tão impetuosamente começada. De 1900 para cá as edificações de algum valor que acusam reminiscências dos estilos históricos em nada se assemelham às imitações aborrecidas do último terço do século XIX. Na liberdade da sua concepção palpita hoje uma vida própria, deixando sobressair em cada obra a individualidade do artista criador. A arquitectura moderna cada vez mais se vai libertando de formalidades sem vida e, tendo-se já expurgado dos vícios da sua fogosa juventude, não nos repugna crer que assistimos ali agora à adolescência duma linguagem plástica em que por vezes o espírito gótico e as tradições clássicas se combinam com feliz resultado.

Todos devem estar lembrados de que aquela Babel a que acima nos referimos também por cá teve um tardio e longínquo eco; também tivemos a nossa algaraviazinha e ainda hoje se encontram algumas raras obras, nomeadamente amanuelinadas, criadas no espírito dessa época e que com a sua fisionomia dum romantismo serôdio, que não é já senão o reflexo dum reflexo, apenas conseguem comunicar-nos uma impressão de tédio.

Mais tarde introduziu-se então, espalhando-se como um escalracho, a mania dos pseudochalets, hoje felizmente condenada por toda a gente, mas que foi o mais nefasto de quaisquer estrangeirismos que nos poderiam assolar. Abençoada seja a reacção que se lhe seguiu representada

pela questão da Casa Portuguesa! Mas esta campanha que, pela sua tendência, devia levar os artistas a estribarem-se nas boas tradições nacionais, ameaça não passar dum devaneio literário ou de ser apenas a mais recente fase do período de imitações do qual parece não nos querermos desprender.

Não basta copiar e combinar elementos trazidos dum e outro ponto, à discrição de quem quer que seja, para desse modo se criar uma arquitectura. As actuais condições de vida, tanto espiritual como materialmente, são muito diferentes das de outras épocas e é preciso que à adaptação material, cuja necessidade toda a gente é muito pronta em sentir, corresponda uma transformação do espírito da arquitectura, sem a qual não poderá haver vida nem desenvolvimento.

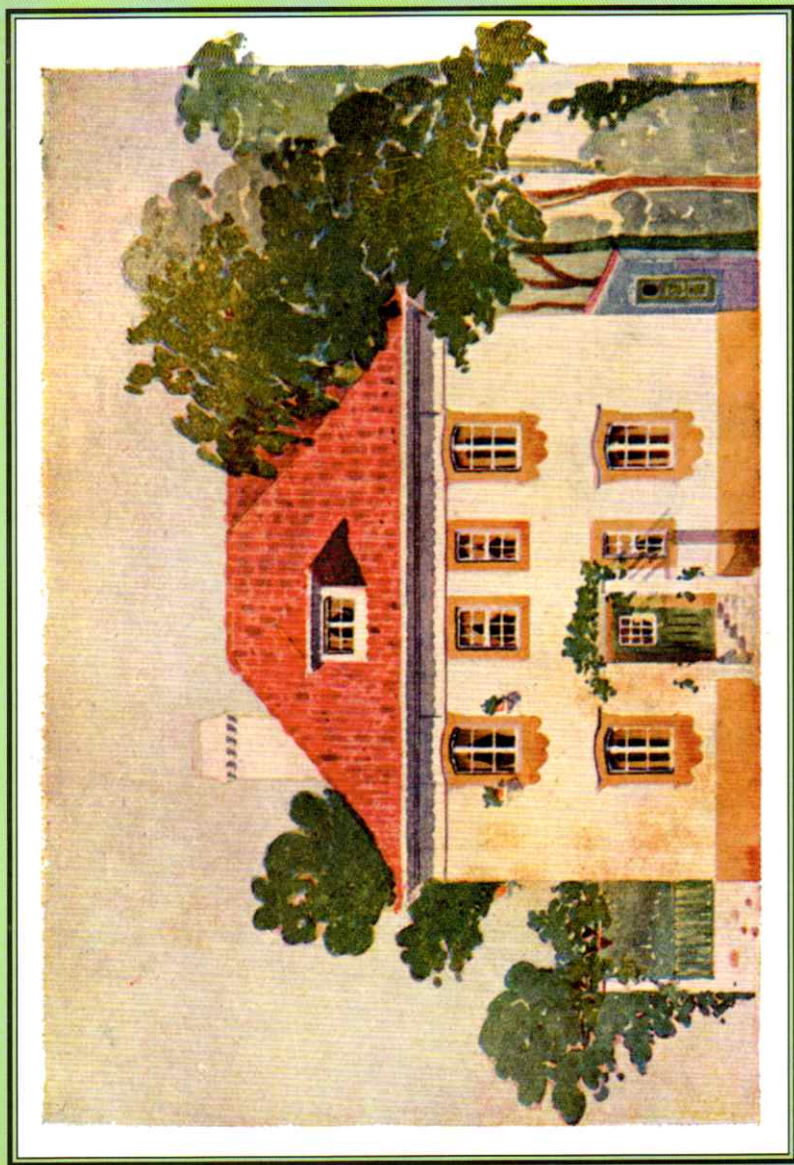
Será ainda preciso dizer-se que não podemos hoje pretender fazer obras góticas, românicas ou de qualquer outro estilo para cuja realização já as circunstâncias determinantes se escoaram num passado que nunca poderá voltar? Tão impossível é criar hoje qualquer obra manuelina como tornar a descobrir um caminho marítimo para a Índia!

E houvesse hoje algum cenobita tão alheado da vida moderna e possuidor da fé e sinceridade necessárias para conceber uma obra puramente gótica... que é dos maçons que a haviam de executar?

A par dos nossos conhecimentos históricos, a faculdade que adquirimos de sentir qualquer obra de arte, e que faz com que não só a respeitemos mas que a possamos também amar, não justifica que entremos na cómoda esteira das imitações, que só têm lugar próprio no teatro, ou que só se podem admitir em pequenos devaneios de carácter particular. Mas a cenografia trazida para a rua não constituirá nunca um elemento vital da arquitectura.

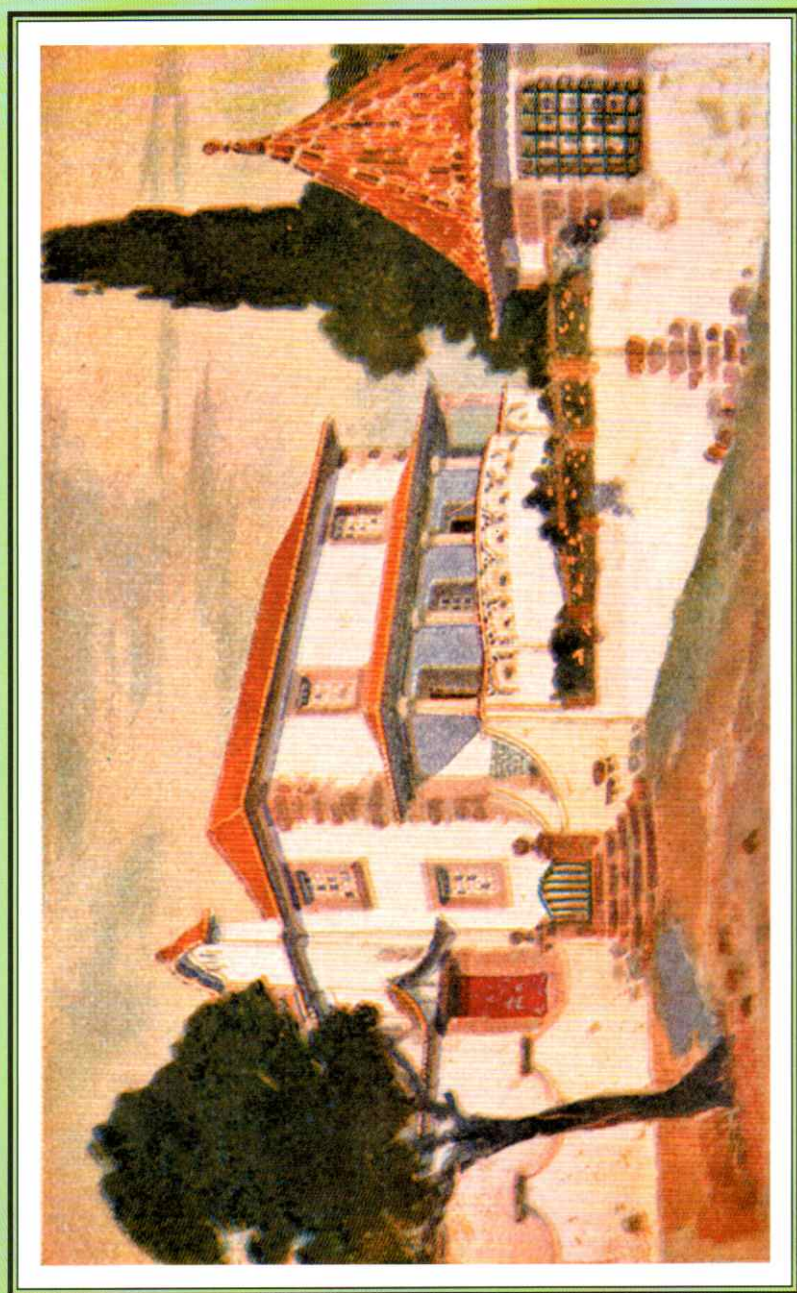
Devemos, antes de tudo, retemperar o nosso sentimento por um estudo dedicado e amoroso da Natureza que nos rodeia; devemos deslindar nas obras dos artistas e do povo em Portugal quais os traços fundamentais que, na sua variada expressão, atravessam as sucessivas épocas, vinculados ao nosso modo de sentir e resultantes das condições físicas da nossa terra. Só assim poderemos chegar a encontrar a expressão própria que não só convirá à solução de problemas chãos, de todos os dias, mas que conseguirá também elevar-se até à representação material dos mais altos ideais que possam interessar um povo forte e consciente.



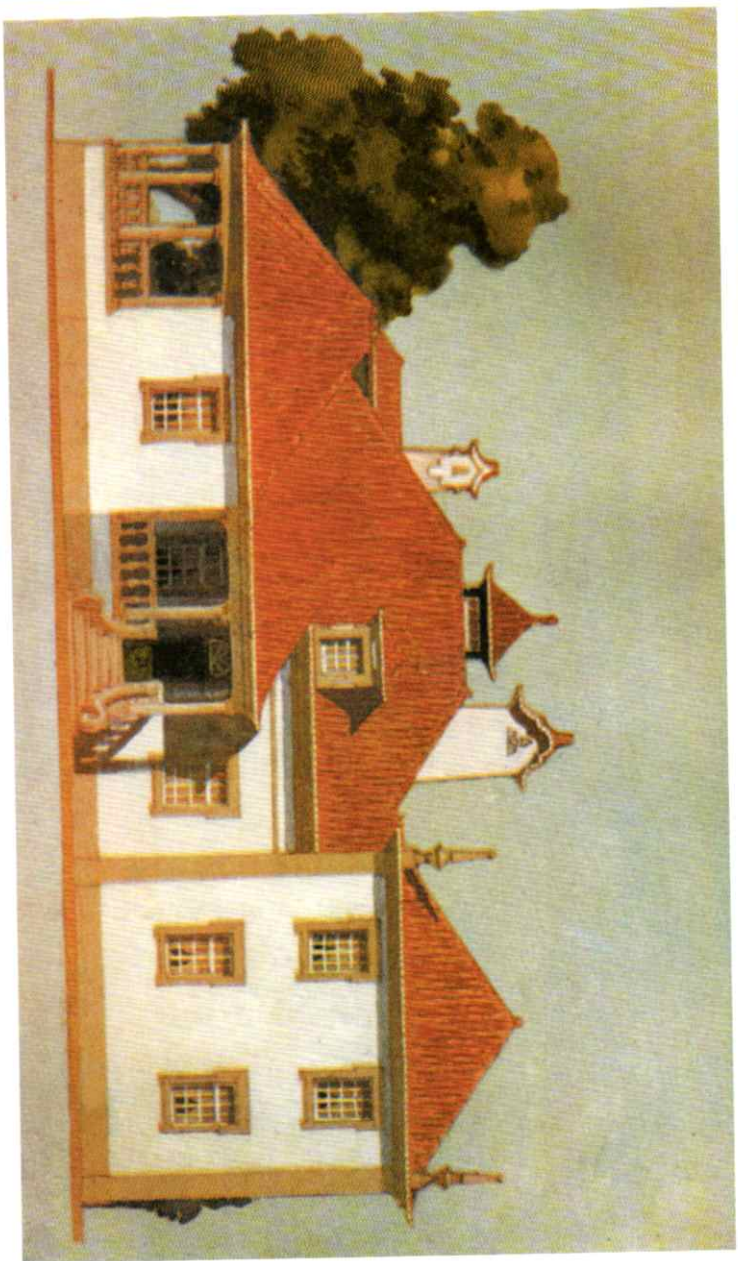


PROJECTO DE CASA SUBURBANA NO SUL

"A NOSSA CASA"
RAUL LINO



PROJECTO DE CASA PARA OS ARREDORES DE LISBOA

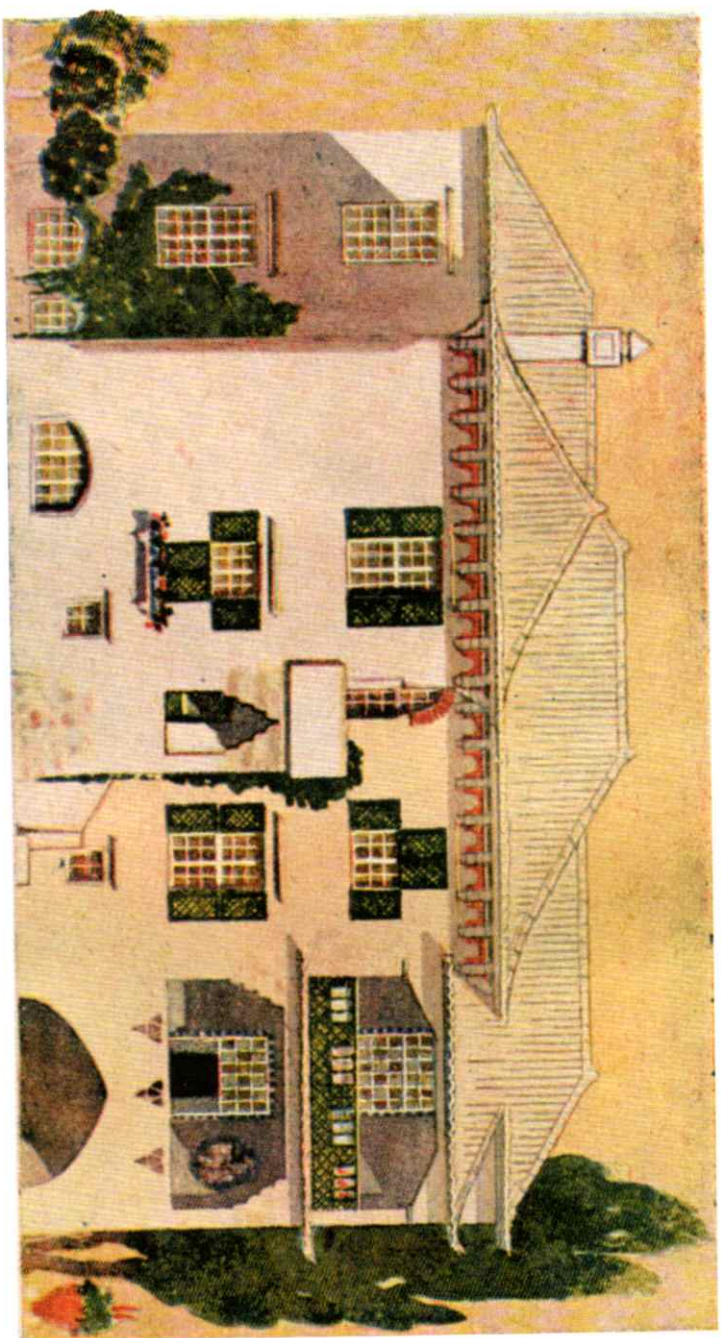


PROJECTO DE CASA SUBURBANA NO MINHO

"A NOSSA CASA"
RAUL LINO

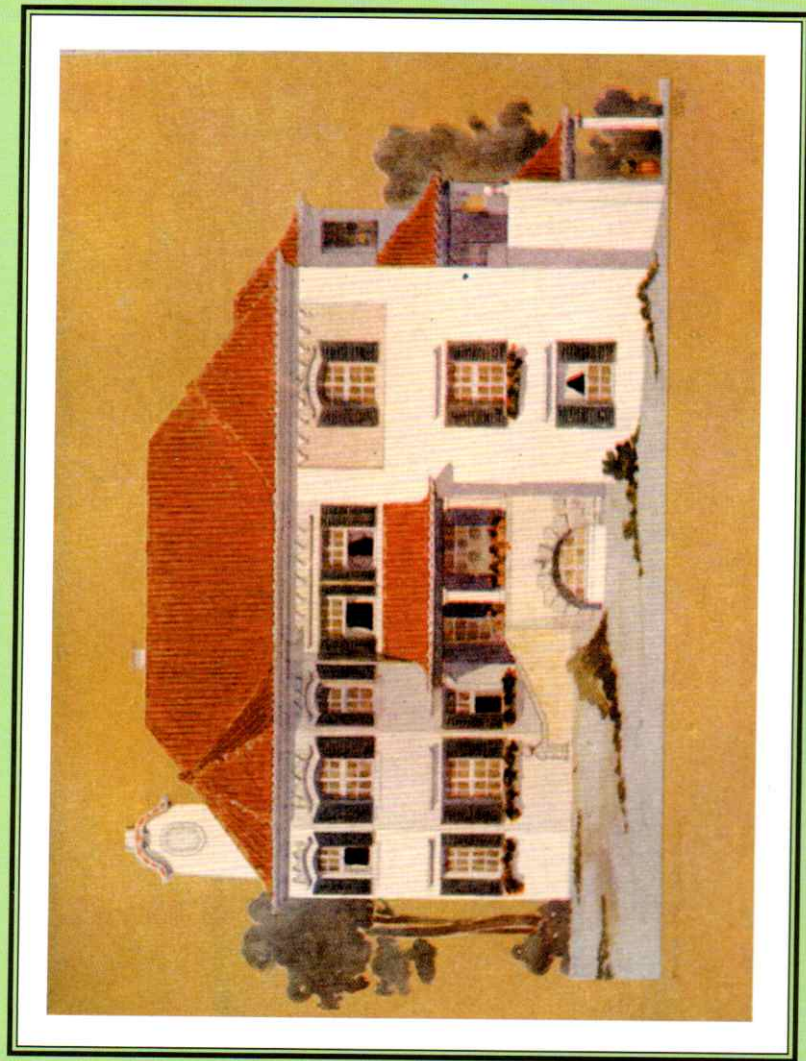


PROJECTO DE CASA PARA UMA CIDADE DA BEIRA BAIXA



PROJECTO DE CASA PARA AS REGIÕES DO SUL

"A NOSSA CASA"
RAUL LINO



PROJECTO DE CASA PARA OS ARREDORES DE LISBOA

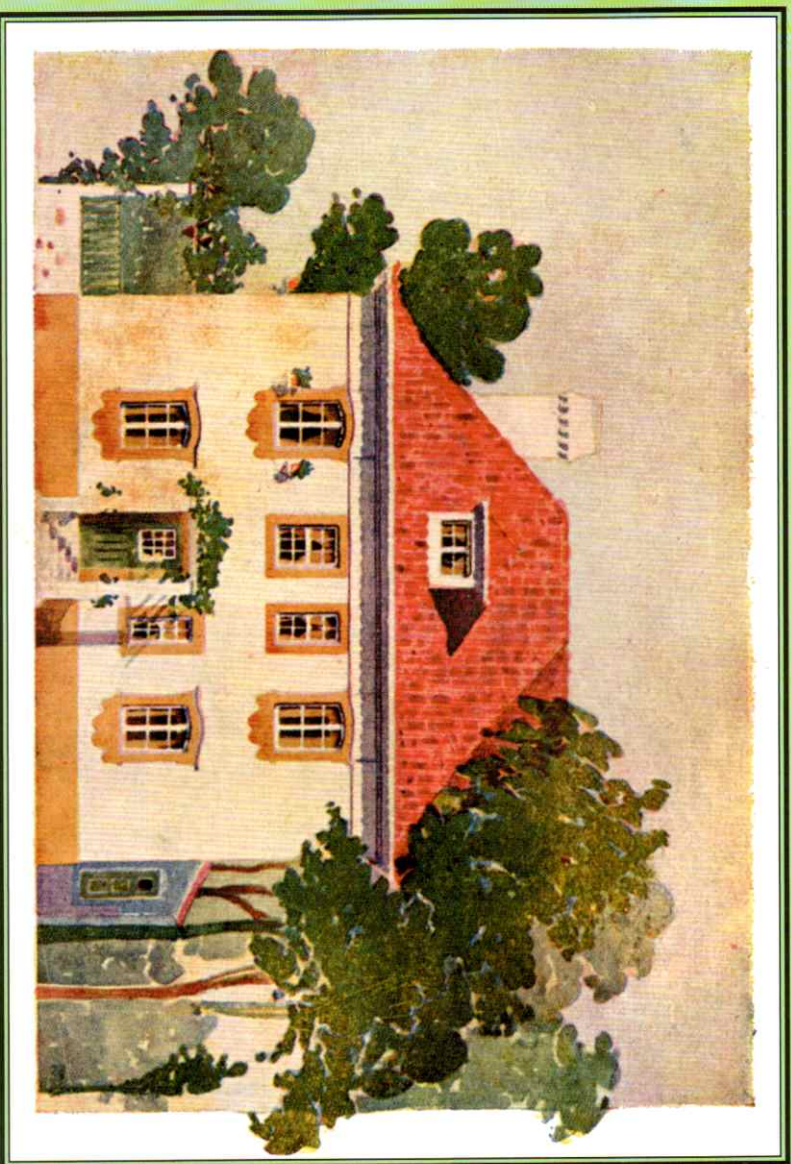


PROJECTO DE CASA PARA OS ARREDORES DE LISBOA

"A NOSSA CASA"
RAUL LINO



PROJECTO DE CASA PARA UMA PRAIA NA ESTREMADURA



PROJECTO DE CASA SUBURBANA NO SUL

"A NOSSA CASA"
RAUL LINO

